



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM  
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) / LÍNGUA PORTUGUESA**

**VITOR DE SOUZA DIAS**

**TRADUÇÃO COMENTADA DA ESCALA DE ANSIEDADE EM  
MATEMÁTICA (EAM) PARA A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**SÃO CARLOS – SP**

**2019  
VITOR DE SOUZA DIAS**

**TRADUÇÃO COMENTADA DA ESCALA DE ANSIEDADE EM  
MATEMÁTICA (EAM) PARA A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado ao curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) / Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel sob a orientação do Prof. Dr. Marcus Vinicius Batista Nascimento.

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

“A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Secretaria da Coordenação do Curso”

## AGRADECIMENTOS

---

Inicialmente agradeço minha família, meus pais (Vera e Norberto), irmã (Mayara), sobrinhos (Hugo e Bernardo) e avós e avô (Ofélia, Aparecida e Geraldo), por terem me proporcionado todos esses anos de investimento, amor e apoio. Obrigado por estarem sempre ao meu lado em todas as decisões tomadas. Ainda no âmbito familiar, agradeço também aos meus sogros (Eva e Alípio) e ao meu cunhado (Ricardo) que participaram desde o início deste processo.

Essencialmente devo agradecer ao meu companheiro, a pessoa em que faz parte diariamente da minha vida, sejam em dias bons ou ruins. Obrigado, Daniel, por estar em todos os momentos comigo (felizes e tristes), por me ouvir, apoiar e principalmente me incentivar todos os dias (buscando o meu melhor), se não fosse por todo seu suporte eu não teria chego até aqui, bem como pelas broncas, para que melhorasse sempre.

Agradeço também aos meus colegas de sala, os quais permanecemos juntos durante todos esses 4 anos de formação. Espero que os outros compreendam, mas preciso agradecer especialmente a Aline Sordi, Bruna Moraes, Giovana Cerantola, Isabela Rodrigues, Priscila Soler, Renata Guimarães, Sueli Fioramonte e Victória Alves. Obrigado por estarem sempre comigo e por aliviarem este árduo processo.

Queria deixar um agradecimento aos meus professores (Guilherme Nichols, João Paulo Silva, Juliana Araújo, Lara Santos, Mariana Campos, Raíssa Tostes, Regiane Agrella, Rimar Segala e Vanessa Martins), que contribuíram diretamente durante toda minha graduação. Tenho 2 agradecimentos especiais: o primeiro, ao meu orientador Marcus Vinicius Nascimento, obrigado por confiar em mim e em nossa pesquisa desde o início, e por aceitá-la, você é uma peça fundamental em minha formação, pois até seus “puxões de orelha” também me ajudaram a evoluir. Devo um agradecimento especial também a professora Janaina Cabello, obrigado por me ouvir, e por me guiar para além da universidade. Se hoje, depois desses 4 anos de graduação, consegui chegar até aqui (como um ser humano melhor) também foi graças a você.

Por fim, gostaria de agradecer os técnicos administrativos (Anderson Silva, Joyce Souza, Regina Torres, Tatiane Bonfim e Willian Pereira), obrigado por também contribuírem diariamente em minha formação (pessoal e profissional). Queria deixar um agradecimento especial ao Rodrigo Fornari, pois sem ele está pesquisa não se

concluiria, e, também, ao Herberth Novaes, a Sara Lisboa e a Ityara Girke, que contribuíram semanalmente em minha formação.

*O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.*

José de Alencar

## RESUMO

**DIAS, V. S. *Tradução Comentada da Escala de Ansiedade em Matemática (EAM), Proposta por Carmo (2008), para a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) / Língua Portuguesa, 60 pág. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.***

Este trabalho teve como objetivo geral realizar a tradução comentada da Escala de Ansiedade a Matemática (EAM), desenvolvida por Carmo (2008) no Laboratório de Estudos Aplicados à Aprendizagem e Cognição (LEAAC) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), para a língua brasileira de sinais (Libras). A tradução aqui descrita foi a primeira etapa de um projeto maior para a avaliação da ansiedade em matemática de educandos surdos. Para fundamentar este estudo foi realizada uma articulação entre as contribuições do pensamento bakhtiniano para o estudo da tradução intermodal, os estudos da tradução sobre protocolos avaliativos e as pesquisas sobre tradução comentada. A EAM é composta de 25 questões com 5 respostas sobre a temática da ansiedade à matemática em contextos educacionais. A tradução foi realizada com uma equipe de quatro pessoas (dois docentes do departamento de psicologia, um aluno de pós-graduação da educação especial e um aluno de graduação do curso TILSP - UFSCar) e aconteceu no Laboratório de Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (LATRAVILIS/DPsi/UFSCar) em 5 etapas: (i) estudo prévio do material por cada membro da equipe; (ii) estudo coletivo do material; (iii) gravação da tradução; (iv) validação da tradução por consultores surdos e ouvintes; e (v) regravação da tradução com base nas sugestões dos consultores. A avaliação do gênero e do público alvo, considerando sua cultura e língua, foram aspectos de extrema importância no processo, pois a tradução foi construída pensando em como este material seria compreendido por crianças surdas. Diante disso, a equipe de tradução pensou, dentre outros pontos, em quais sinais seriam mais adequados, tendo em vista as diferenças culturais dos públicos envolvidos na avaliação e em como deveria ser apresentada a datilologia a partir das questões culturais do público-alvo da tradução. Dentre os desafios da tradução, a manutenção de termos específicos, devido a condição hermética do gênero, se apresentou como o maior, uma vez que, do ponto de vista bakhtiniano, não há correspondências entre línguas. Um outro ponto que se apresentou como desafio foi a diferença entre as modalidades de língua e de uso da língua: texto escrito em português e texto sinalizado em Libras. Espera-se que, com essa pesquisa, discussões sobre a tradução de protocolos avaliativos seja iniciada por tradutores e intérpretes de língua de sinais, bem como por profissionais que se interessam em realizar avaliações psicológicas, linguísticas e educacionais com sujeitos surdos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução, Libras, Ansiedade, Matemática, Protocolo, Intermodalidade.

---

**ABSTRACT**

---

**DIAS, V. S. *Commented translation of the Math Anxiety Scale, proposed by Carmo (2008), into the Brazilian Sign Language. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) / Língua Portuguesa, 60 pág. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.***

The general objective of this research was to make the commented translation of the Mathematical Anxiety Scale (*Escala de Ansiedade a Matemática - EAM*), developed by Carmo (2008), into Brazilian Sign Language (Libras). The Scale was elaborated at the Laboratory of Applied Studies on Learning and Cognition (LEAAC) of the Federal University of São Carlos (UFSCar). The translation described here was the first step of a larger project for the assessment of anxiety in mathematics of deaf students. To support this study, an articulation was made between the contributions of Bakhtinian studies to the intermodal translation, translation studies on evaluative protocols, and commented translation research. The EAM consists of 25 questions with 5 answers on the theme of anxiety to mathematics in educational contexts. The translation was carried out with a team of four people (two psychology, department teachers, one special education graduate student and one TILSP undergraduate student - UFSCar) and took place at the Sign Language AV Translation Lab (LATRAVILIS/DPSi/UFSCar) in 5 steps: (i) previous study of the material by each team member; (ii) collective study of the material; (iii) recording of the translation; (iv) validation of translation by deaf and hearing judges; and (v) recording the translation based on the judges' suggestions. The evaluation of gender and target audience, considering their culture and language, were extremely important aspects in the process, because the translation was built thinking about how this material would be understood by deaf children. Given this, the translation team considered, among other points, which signals would be most appropriate, considering the cultural differences of the audiences involved in the evaluation and how the typology should be presented from the cultural issues of the target audience of the translation. Among the challenges of translation, the maintenance of specific terms, due to the hermetic condition of the genre, presented itself as the greatest, since, from the Bakhtinian point of view, there are no correspondences between languages. Another point that presented itself as a challenge was the difference between language and language use modalities: text written in Portuguese and text signed in Libras. It is hoped that with this research, discussions on the translation of evaluative protocols will be initiated by sign language translators and interpreters, as well as by professionals interested in conducting psychological, linguistic and educational assessments with deaf subjects.

**KEYWORDS:** Translation, Brazilian Sign Language, Anxiety, Mathematics, Protocol, Intermodality.

**LISTA DE TABELAS**

---

Tabela 1	Descrição processo tradutório (3 versões).....	33
Tabela 2	Avaliação dos consultores .....	37
Tabela 3	Processo Tradutório (3 versões) .....	38
Tabela 4	Pergunta 1 .....	40
Tabela 5	Pergunta 2 .....	42
Tabela 6	Pergunta 19 .....	43
Tabela 7	Pergunta 25 .....	44

## LISTA DE FIGURAS

---

Figura 1	<i>Feedback</i> do consultor 1 .....	36
Figura 2	<i>Feedback</i> do consultor 2 .....	37
Figura 3	Sinal Angústia .....	38
Figura 4	Sinal Como.....	38
Figura 5	Sinal Sentir .....	38
Figura 6	Sinal Como.....	38
Figura 7	Sinal Sentir .....	38
Figura 8	Sinal Como.....	38
Figura 9	Sinal Ter .....	40
Figura 10	Sinal Palavra matemática .....	40
Figura 11	Sinal Escrita .....	49
Figura 12	Sinal Ver .....	40
Figura 13	Sinal Sentir .....	42
Figura 14	Sinal Como.....	42
Figura 15	Sinal Me sinalizar.....	42
Figura 16	Sinal (Sinal).....	42
Figura 17	Sinal Matemática.....	42
Figura 18	Sinal Sentir .....	42
Figura 19	Sinal Como.....	42
Figura 20	Sinal Sala.....	43
Figura 21	Sinal Aula.....	43
Figura 22	Sinal Fora .....	44
Figura 23	Sinal Professor .....	44
Figura 24	Sinal Matemática.....	44
Figura 25	Sinal Encontrar.....	44
Figura 26	Sinal Sentir .....	44
Figura 27	Sinal Como.....	44
Figura 28	Sinal Ano.....	45
Figura 29	Sinal Estudar .....	45
Figura 30	Sinal Acabar .....	45
Figura 31	Sinal Dia.....	45
Figura 32	Sinal Último .....	46

Figura 33	Sinal Professor .....	46
Figura 34	Sinal Entregar.....	46
Figura 35	Sinal Nota.....	46
Figura 36	Sinal Final .....	46
Figura 37	Sinal Sentir .....	46
Figura 38	Sinal Como.....	46

## LISTA DE ABREVIATURAS

---

CAEE	Certificado de apresentação para Apreciação Ética
EAM	Escala de Ansiedade a Matemática
ETILSP	Estudos da Tradução e da Interpretação da Língua de Sinais
LATRAVILIS	Laboratório de Tradução Audiovisual da Língua de Sinais
LEAAC	Laboratório de Estudos Aplicados à Aprendizagem e Cognição
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LP	Língua Portuguesa
TILSP	Tradução e Interpretação em Libras/LP
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos

## SUMÁRIO

---

INTRODUÇÃO .....	14
CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA .....	19
1.1. Sobre a tradução na perspectiva bakhtiniana .....	19
1.2. Sobre os estudos tradutórios: intermodalidade e tradução de protocolos avaliativos .....	22
CAPÍTULO 2: METODOLOGIA .....	26
2.1. Coleta e apresentação dos dados .....	26
2.2. O processo em registro: dados do diário de tradução.....	27
2.3. Aspectos da tradução comentada .....	30
CAPÍTULO 3: TRADUÇÃO COMENTADA .....	32
3.1. Estratégias de estudo e preparação.....	32
3.2. Avaliações dos consultores .....	35
3.3. Processo tradutório e as 3 versões da tradução .....	37
3.4. Questões-problema do processo tradutório .....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	50
ANEXOS.....	56
ANEXO 1: Escala de Ansiedade à Matemática (EAM).....	56
ANEXO II: Ficha de avaliação para os consultores bilíngues .....	59

## INTRODUÇÃO

---

Este trabalho tem como objetivo apresentar a tradução comentada da Escala de Ansiedade a Matemática (EAM) desenvolvida no Laboratório de Estudos Aplicados à Aprendizagem e Cognição (LEAAC) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) para a língua brasileira de sinais (Libras). A pesquisa se insere em um projeto de pesquisa maior intitulado “*Respostas emocionais à matemática: estudo de variáveis relevantes e medidas de ansiedade*” (CAEE 0756.0.000.135-10), coordenado pelo docente do Departamento de Psicologia da UFSCar, Prof. Dr. João dos Santos Carmo, que tem por objetivo promover estudos de diferentes níveis para avaliação da ansiedade em estudantes de nível fundamental sobre a relação com a matemática. O protocolo traduzido para a Libras aqui descrito foi a primeira versão desenvolvida para posterior aplicação da escala em estudantes surdos do ensino fundamental I e II de escolas bilíngues. A tradução do protocolo, que foi originalmente elaborado em língua portuguesa (LP) (ANEXO 1), para a Libras foi realizado no Laboratório de Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (LATRAVILIS), também da UFSCar, e é a primeira etapa para que seja avaliada a ansiedade de educandos surdos em relação à matemática. Segundo Lacerda e Lodi (2009), o português é considerado como segunda língua para essa comunidade e, por essa razão, se faz necessário que materiais que sejam elaborados para surdos, tais como o protocolo em questão, sejam produzidos em Libras.

As crianças e adolescentes, em sua maioria, ao enfrentarem situações constrangedoras envolvendo a matemática causadas, geralmente, por conta de provas e pressões do senso comum sobre a dificuldade de aprender matemática ou, até mesmo, baixo entendimento das aulas, podem desenvolver diferentes comportamentos adversos resultando no desinteresse sobre o tema e evasões e reprovações em disciplinas de matemática desde as séries iniciais. Esses aspectos podem gerar nos estudantes aversões e ansiedades por tudo que se diz respeito a matemática. Segundo Carmo e Ferraz (2012, pg. 55),

A ansiedade diante da matemática deve ser entendida como um conjunto específico de reações em situações que exigem o uso da matemática, dentro ou fora do contexto escolar. Essas reações dividem-se em três conjuntos: (a) reações fisiológicas desagradáveis (e.g., taquicardia, sudorese, extremidades frias, dores no estômago); (b) comportamentos de fuga e esquiva; (c) produção de autoatribuições negativas e atribuições negativas dadas à matemática.

Esses três componentes são apresentados conjuntamente em contextos nos quais algum conhecimento de matemática é requisitado. Esses contextos são relatados como estimulações aversivas ou pré-aversivas intensas, e as reações apresentadas ocorrem em alta frequência.

Por isso, Carmo (2008), ao estudar e perceber a presença da ansiedade no ensino-aprendizagem de matemática, elaborou, em parceria com outros pesquisadores, a EAM que abrange em torno de 25 questões referentes a ansiedade a matemática a fim de identificar comportamentos ansiosos em estudantes do ensino fundamental.

Entretanto, nessa proposta, não houve, a princípio, uma proposição de avaliação da ansiedade à matemática em estudantes surdos que se comuniquem por meio da Libras sendo, portanto, um grupo, até então, não analisado nesse escopo temático. Com a intenção de ampliar a aplicabilidade da escala e observar como esses estudantes reagem à temática da matemática no cenário escolar, pesquisadores do LEAAC/UFSCar se propuseram a identificar como estudantes surdos se relacionam com a matemática e, com isso, averiguar se esse grupo possui reações de ansiedade, tais quais as dos estudantes ouvintes, quando se relacionam com o tema. Para a realização desse novo estudo, foi necessária a tradução da EAM para a Libras, que é a língua utilizada pela maioria dos surdos brasileiros.

Através de lutas constantes, a comunidade surda vem conquistando seu lugar na sociedade majoritariamente ouvinte e tem visto a ampliação de seu acesso em diferentes contextos. Dentre as esferas em que os direitos dos surdos mais cresceram nos últimos anos destaca-se a educacional que vem vivenciando mudanças significativas a fim de promover uma educação bilíngue em que a Libras seja utilizada como língua de instrução. Nesse sentido, a relação do educando surdo com os conteúdos e os processos de ensino-aprendizagem no ambiente escolar demandam avaliação e reflexão uma vez que a educação para surdos no Brasil, especialmente a chamada educação bilíngue, está em processo de constituição e construção.

Os estudos atuais envolvendo a população surda em diferentes níveis linguísticos, psicológicos, e educacionais são recentes e foram impulsionados (i) pela luta histórica dos surdos para o reconhecimento social e legislativo de sua língua e cultura (BRITO, 2016); (ii) pela parceria de pesquisadores com essa comunidade a fim de promover uma educação bilíngue em que a língua de sinais seja considerada como língua de instrução e a língua majoritária na modalidade escrita seja a segunda língua; e (iii) por uma série de documentos legais – em nível internacional e nacional – que

fizeram com que essa comunidade fosse reconhecida atualmente como uma comunidade sociolinguística minoritária.

Desde a lei de acessibilidade, 10.098/00, que determinou que o poder público criasse meios, formasse pessoas e adaptasse espaços para incluir pessoas com diferentes tipos de deficiência em toda a sociedade, os surdos ganharam direitos sociais e linguísticos. A Libras, língua utilizada por boa parte dos surdos brasileiros, foi reconhecida legalmente como um meio de comunicação e expressão pela lei 10.436/02 e regulamentada por meio do Decreto 5.626/05. Esses documentos foram marcos legais importantes para a comunidade surda, pois a expansão dessa língua boa parte do território nacional brasileiro promoveu ampla circulação e possibilitou acesso dos surdos em diferentes esferas sociais, embora na prática há muito o que evoluir, principalmente em regiões menos visibilizadas.

Devido ao reconhecimento legal da Libras e a sua inserção nas diferentes esferas sociais, sobretudo na educacional, foi necessário a implementação de serviços de mediação linguística promovidas por intérpretes e tradutores. A atuação desses profissionais vem se expandindo significativamente desde meados dos anos 2000, mas ganhou força institucional pública com a publicação de dois documentos legais: (i) o Decreto 5.626/05, que regulamentou a, já citada, lei de Libras (10.436/02) e que detalhou as formas que o Estado deve atuar para garantir o uso e circulação da Libras nos mais variados espaços sociais; e (ii) o Decreto 7.612/11 que instituiu o Plano Viver Sem Limites para pessoas com deficiência e que determinou e induziu a formação deste profissional em curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras. Ambos os documentos destacam a necessidade da oferta de serviços de tradução e de interpretação da Libras para garantir os direitos sociais das comunidades surdas brasileiras. A atuação do tradutor e do intérprete de Libras e Língua Portuguesa é recente e vem, conforme mostra Nascimento (2016), se expandido significativamente, pois sua atuação está totalmente atrelada à presença da população surda nas diferentes esferas da comunicação, ou seja, se houver surdos haverá a necessidade tradutores e de intérpretes para mediar sua relação com pessoas que desconhecem sua língua.

Por conta da sociedade majoritária ouvinte, os surdos necessitam de profissionais eficazes para que possam possibilitar a essa comunidade acesso a informação em diferentes contextos. Esses profissionais são muito mais que “mobilizadores” de sistemas linguísticos, são “tradutores da cultura, da língua, da

história, dos movimentos, das políticas da identidade e da subjetividade da cultura surda” (PERLIN, 2006, 145). Eles permitem que a presença surda, que fora por anos silenciada por práticas homogeneizadoras e silenciadoras da surdez, apareça pela e com a língua de sinais (MARTINS, 2008; NASCIMENTO, 2018a).

Todavia, esses sujeitos mediadores atuam com duas atividades que, embora possam parecer a mesma, se diferenciam na sua operacionalização (PAGURA, 2003; 2015): a tradução e a interpretação. Os pesquisadores do campo como Pagura alertam que embora essas atividades possam parecer iguais por construir pontes, por meio do discurso, entre sujeitos, comunidades e culturas demandando dos profissionais que a realizam conhecimento aprofundado das línguas mobilizadas e dos aspectos sociais e culturais dos falantes e comunidades envolvidas na situação de comunicação, elas estão atreladas à espaços e temporalidades específicas (NASCIMENTO, 2016).

Segundo Pagura (2015, pg. 184),

Tanto a tradução quanto a interpretação têm como objetivo fazer uma mensagem expressa em determinado idioma seja transportada para outro, para que seja compreendida por uma comunidade linguística que não fale o idioma em que essa mensagem foi originalmente concebida. Pode-se dizer que o tradutor e o intérprete são profissionais que permitem que uma mensagem cruze a chamada “barreira linguística” entre duas comunidades, sendo comum usar a metáfora “ponte” para designar esses profissionais.

A tradução geralmente ocorre em um espaço de tempo mais abrangente em que há a possibilidade de revisões, consultas com especialistas, ou modificações, sendo uma prática que trabalha com textos registrados. Essas características a diferencia da interpretação que é efêmera e imediata por mobilizar textos em situações de interação face-a-face (PAGURA, 2003; POCHHACKER, 2004; PEREIRA, 2015; NASCIMENTO, 2016; RODRIGUES; SANTOS 2018). Entretanto, ambas as atividades, se considerarmos a dimensão interlíngua, implicam mobilização de línguas diferentes podendo ser de diferentes modalidades, tais como as línguas vocais-auditivas e as línguas gesto-visuais (QUADROS, 2006; RODRIGUES, 2018b).

Os estudos sobre a tradução e sobre a interpretação da língua de sinais, que focam em processos que envolvem ambas as modalidades citadas, têm ganhando projeção nos últimos anos no Brasil. Até meados dos anos 2000, os estudos se direcionaram mais à interpretação, especialmente na esfera educacional, devido a inclusão de surdos no sistema regular de ensino ser algo que acontece já há alguns anos

(PEREIRA, 2010; SANTOS, 2013). Entretanto, com a abertura de cursos de formação em nível superior para surdos, como, por exemplo, os cursos de licenciatura em Letras Libras abertos em todo o país (QUADROS; STUMPPFF, 2015), a demanda de tradução de materiais do português para a Libras aumentou significativamente. Atrelado a isso, a abertura do campo disciplinar Estudos da Tradução para pesquisas envolvendo processos tradutórios com língua de sinais no Brasil vem promovendo estudos que visam descrever as atividades realizadas pelo tradutor da língua de sinais do ponto de vista do procedimento tradutório (RODRIGUES, 2013; SEGALA; QUADROS, 2015; RODRIGUES; BEER, 2015; SANTOS, 2018).

Nesse sentido, este estudo se insere no cenário recente de atuação do tradutor e do intérprete de Libras e Língua Portuguesa, bem como no de pesquisas empíricas que visam descrever os procedimentos de tradução e de interpretação envolvendo essas línguas a partir de diferentes gêneros do discurso e esferas da atividade. Esta pesquisa, porém, se soma a nova realidade de práticas de *tradução* envolvendo a Libras e mobiliza um gênero ainda não descrito (um protocolo avaliativo de uma escala de ansiedade em matemática em Libras) até o momento nos estudos da tradução, da interpretação e da linguagem envolvendo a língua de sinais no Brasil: uma escala de avaliação psicológica em ansiedade.

A pesquisa aqui descrita possuiu como objetivo geral a realização de uma tradução comentada da Escala de Ansiedade a Matemática (EAM) desenvolvida por Carmo (2008) no Laboratório de Estudos Aplicados à Aprendizagem e Cognição (LEAAC) da UFSCar para a língua brasileira de sinais (Libras). Os objetivos específicos foram:

- (i) Descrever os procedimentos e estratégias de tradução envolvendo termos específicos ligados ao campo da avaliação psicológica para mapeamento de ansiedade;
- (ii) Descrever as decisões tradutórias da equipe de tradução no que diz respeito aos aspectos culturais e linguísticos do público alvo a ser alcançado pela tradução;
- (iii) Contribuir com os estudos voltados à tradução de gêneros do discurso avaliativos e protocolares da LP para a Libras.

## CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

---

Para fundamentar este estudo foi realizada uma articulação entre as contribuições do pensamento bakhtiniano<sup>1</sup> para o estudo da tradução intermodal, os estudos da tradução sobre protocolos avaliativos e as pesquisas sobre tradução comentada. Nesse capítulo, serão apresentados os conceitos mobilizados a partir dessas perspectivas teóricas.

### 1.1. Sobre a tradução na perspectiva bakhtiniana

Do pensamento bakhtiniano foram invocados conceitos como *enunciado concreto, esferas da atividade e gêneros do discurso*. Segundo Nascimento (2016, p. 218),

para o círculo de Bakhtin, o estudo da língua é inseparável da vida, pois é nela, nas relações entre outros sujeitos, na realização da língua por meio da interação entre esses mesmos sujeitos, que a linguagem acontece e os sentidos se instauram. Portanto, o olhar para a linguagem deve ocorrer em suas reais condições de produção, pois, obrigatoriamente, os sentidos implícitos nessas práticas só emergem na interação real e viva entre sujeitos singulares.

Por essa razão, a compreensão de *enunciado* em Bakhtin é bem mais ampla que em outras perspectivas teórico-metodológicas ligadas à linguística e às diferentes correntes das análises do discurso. Enunciado, aqui,

é definido como compreendendo três fatores: (a) o horizonte espacial comum dos interlocutores (a unidade do visível – neste caso, a sala, a janela etc.), (b) o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores, e (c) sua avaliação comum dessa situação. Nessa perspectiva, o enunciado e as particularidades de sua enunciação configuram, necessariamente, o processo interativo, ou seja, o verbal e o não verbal que integram a situação e, ao mesmo tempo, fazem parte de um contexto maior histórico, tanto no que diz respeito a aspectos (enunciados, discursos, sujeitos etc.) que antecedem esse enunciado específico quando ao que ele projeta adiante [...] (BRAIT; MELO, 2017, p. 67).

---

<sup>1</sup> As expressões *pensamento bakhtiniano, perspectiva bakhtiniana, princípios bakhtinianos e perspectiva dialógica* correspondem à maneira como Mikhail M. Bakhtin em diálogo com outros intelectuais russos no início do século XX, em especial Valentin Volóchinov e Pavel Medviédev, conceberam a linguagem no âmbito da cultura, da literatura, da estética, das artes e da comunicação (BRAIT, 2013; NASCIMENTO, 2018).

Segundo Brait e Melo (2017, p. 65), no que diz respeito ao pensamento bakhtiniano, o princípio de enunciado tem um papel essencial na concepção da linguagem, pois ela “é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos”.

Nessa perspectiva, o *enunciado é concreto* e corresponde às condições reais de uso da linguagem envolvendo desde a dimensão intersubjetiva dos participantes da situação de comunicação até o sistema semiótico-ideológico mobilizado na produção enunciativa. A interação, força motriz do enunciado concreto, nesse prisma, acontece a partir do posicionamento de sujeitos em determinadas situações sociais e a palavra/enunciado é orientada a alguém do mesmo modo que ela procede de alguém. “Toda palavra serve de expressão ao ‘um’ em relação ao ‘outro’” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 117). O que está em jogo na concepção bakhtiniana de *enunciado concreto* são, então, as relações interlocutivas estabelecidas na situação social imediata de produção.

Todo enunciado organiza-se a partir de determinadas *esferas da atividade* que podem ser definidas, segundo Sobral (2009), como regiões sócio históricas que agrupam diversas formas do agir do humano no mundo. É importante ressaltar que “o conceito de esfera de atividade figura anterior ao de gênero sendo, nesse sentido, seu ‘abrigo’, pois todo gênero está alocado, e relacionado, a tipos específicos de atividade” (NASCIMENTO, 2016, p. 127).

Partindo desses princípios, “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominados gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2016, p. 12). Os *gêneros*, por sua vez, correspondem à organização dos enunciados; eles que permitem que nos comuniquemos uns com os outros porque, conforme defende Bakhtin (2016), se não houvesse gêneros a comunicação ficaria inviável, visto que, a todo momento, precisaríamos reinventar as formas de dizer.

Os gêneros se organizam por similaridade a partir das esferas porque toda atividade humana é constituída de linguagem e demanda formas específicas de interlocução. Para Bakhtin (2016), os gêneros são formados, basicamente, por composição, que corresponde às organizações sociais, linguísticas e extralinguísticas do enunciado, ao estilo, que diz respeito aos modos como o falante escolhe os aspectos linguístico-gramaticas para se enunciar e que, grande parte, são impostas pelo contexto

social e tema que não se confunde com assunto, mas que dá o acabamento final ao gênero permitindo que o locutor e o interlocutor se engajem na comunicação a partir dele.

Nesse prisma, embora a tradução seja costumeiramente definida, no âmbito dos Estudos da Tradução, como uma “atividade humana realizada através de estratégias mentais empregadas na tarefa de transferir significados de um código linguístico para outro” (BARBOSA, 2004, p.11), na perspectiva dialógica bakhtiniana, ela pode ser compreendida como uma atividade que não é restrita ao linguístico, mas que corresponde à mobilização de posicionamentos, de valores, de diálogos, de discursos.

O tradutor, nesse âmbito, é o sujeito que se arrisca, porque não é neutro e nem isento ao promover as pontes interacionais entre públicos que não conhecem as línguas uns dos outros. Tradutores são indivíduos que carregam diversas vivências pessoais, emergidos em diferentes contextos sociais e históricos, que surgiram através de meios sociais e interações reais vivenciadas previamente.

No momento da tradução é necessário pensar em todos os aspectos culturais relacionados à língua fonte e língua alvo tendo em vista que a tradução, na realidade, promove muito mais do que a mediação linguística, mas sobretudo o encontro de sujeitos e discursos. Essa perspectiva permite olhar para além da abstração do sistema linguístico e observar os aspectos extraverbais que possibilitam o uso da linguagem. Santiago (2016, p. 2), com base em Costa e Silva (2011), defende que o

[...] tradutor realiza uma tomada de posição, uma vez que, no ato da enunciação, concretiza-se uma postura global em relação à língua, à visão de mundo, e a outros discursos. Também o fato de a tradução ser enunciado dirigido a uma terceira pessoa, um “leitor” projetado numa outra cultura, faz com que o tradutor considere a compreensão responsiva ativa dessa nova audiência do texto.

A tradução “pode variar, por exemplo, entre homem e mulher, criança e adultos, entre classes sociais diferentes” (GUERINI; COSTA, 2006), pois para atingir determinados públicos, a tradução precisa ser pensada e realocada a partir das realidades discursivas do gênero que busca mobilizar.

Como a tradução é uma prática discursiva que mobiliza fundamentalmente gêneros que circulam em diferentes esferas da atividade (SOBRAL, 2008; NASCIMENTO, 2016; 2017; 2018a), é preciso considerar alguns pontos envolvidos nesse processo. O primeiro, central nessa perspectiva, é a questão cultural das

comunidades que utilizam as línguas que estão sendo trabalhadas no processo tradutório. No pensamento bakhtiniano, língua e cultura são aspectos indissociáveis porque a

a tradução é um diálogo de individualidades criadoras de diferentes culturas, isto é, um autêntico diálogo de culturas, no qual o tradutor escarafunha as entranhas do original, ausculta as vozes que o povoam, entranha-se no às vezes quase insondável da linguagem, compenetra-se da vida de suas personagens; em suma, embebe-se do original para poder interpretá-lo em seu conjunto e dar-lhe uma nova vida, vida essa, porém, marcada pela singularidade dos múltiplos modos de ser da língua e da cultura do tradutor, por sua individualidade criadora (BEZERRA, 2012, p. 47)

E o segundo tem a ver com a materialidade das línguas envolvidas no processo tradutório. Tendo em vista que a cultura é aspecto primeiro na constituição dos agrupamentos humanos e a linguagem é, para alguns grupos, a instância mais representativa dos artefatos e instrumentos culturais coletivos, a forma como uma língua é produzida pode dizer muito sobre as características de determinados grupos. Esse é o caso das línguas de sinais que são produzidas pelas mãos e corpo e percebidas/recebidas pela visão.

Visto esses levantamentos, é possível notar a importante em compreender o gênero anteriormente a realização de uma atividade tradutória, pois de acordo com o gênero e a esfera em que ele se encontra, possibilita estratégias específicas para o movimento tradutório em questão.

## **1.2. Sobre os estudos tradutórios: intermodalidade e tradução de protocolos avaliativos**

Nesse sentido, os estudos da tradução e da interpretação da língua de sinais (ETILS) contribuem significativamente para a compreensão dos meandros culturais que estão em jogo em traduções que envolvem línguas de sinais e línguas orais. Segundo Rodrigues (2018b, p. 306),

Levar em conta a especificidade da situação vivenciada pelos surdos e a forma com que a modalidade gestual-visual caracteriza e impacta os processos tradutórios e, por sua vez, a competência dos tradutores e intérpretes, é um elemento indispensável às atuais reflexões sobre como: (i) lidar com e compreender as minorias linguísticas e culturais; (ii) pensar os processos tradutórios e interpretativos para além da transposição semiótica com foco no linguístico; e (iii) conceber e (re)significar as funções e finalidades da tradução, da transferência e

da mediação linguística e cultural na (trans)formação da sociedade atual.

A modalidade de língua, defende o autor, é um dos aspectos centrais nas pesquisas em ETILS porque permite, dentre diferentes pontos, compreender os aspectos constitutivos da mobilização de materialidades distintas produzidas por canais biofisiológicos diferentes. A fim de explorar essa conceituação, Segala e Quadros (2015) propuseram o termo *tradução intermodal* como alternativa para considerar as especificidades desse tipo de tradução. A partir da proposição de Roman Jakobson (2010, p. 43), que defendeu que a tradução pode ser realizada em três diferentes possibilidades,

1. Tradução intralingual ou *reformulação*, a interpretação da língua para a mesma língua (por exemplo, o texto de adulto para texto infantil).
2. Tradução interlingual ou *tradução propriamente dita*, que é definida como a interpretação de uma língua para outra; ou seja, uma interpretação de signos verbais de uma língua para outra língua.
3. Tradução intersemiótica ou *transmutação*, que é definida como a interpretação de um sistema de códigos para outro por meio de signos de sistemas não-verbais,

Segala e Quadros (2015, p. 358) propõem *tradução intermodal* por captar “[...] a especificidade dos aspectos na tradução intralingual, tradução interlingual e intersemiótica que inclui uma língua de sinais”, ou seja, a tradução intermodal envolve e é atravessada pelos três diferentes tipos de tradução identificados por Jakobson (2010).

A tradução intermodal, por conta da diferença de modalidades, uma sendo oral e a outra gesto-visual, faz com que o corpo do tradutor seja visível, pois em traduções de línguas escritas como desdobramentos das línguas orais, os autores são invisíveis empiricamente para o interlocutor da tradução. No caso da Libras, o tradutor de fato aparece no vídeo impossibilitando a sua não exposição. Nesse tipo tradutório é comum o tradutor usar alguns recursos como a imagem, por exemplo, pois são demandas linguísticas de usuários da Libras, por isso a tradução intermodal, como defende Segala (2010) e Segala e Quadros (2015), envolve as três traduções apresentadas por Jakobson.

No momento da tradução para a Libras, o profissional precisa se atentar para essas questões que afetam, como, a terminologia. Um exemplo disso seria a existência, no material a ser traduzido, da palavra “ouvir”. Se essa expressão estiver relacionada à recepção da informação por parte dos interlocutores, será necessário que o responsável pelo trabalho faça adequações a esse enunciado para que possibilite de fato a

compreensão e acesso à comunidade surda, pois a audição não é o canal de recepção das informações linguísticas de boa parte desses sujeitos. Por isso é importante pensar que as línguas em questão não envolvem apenas o sistema linguístico, mas também a história e principalmente na cultura que carregam consigo (STUPIELLO, 2006).

Partindo do pressuposto de que protocolos avaliativos psicológicos<sup>2</sup> são gêneros herméticos, não permitindo ao tradutor grandes flexibilidades quanto ao aspecto semântico-lexical o levando a buscar muito mais equivalências do que correspondências a tradução é, conforme defende Hilton e Skrutkowski (2002), mais simétrica, ou seja, é necessário manter a familiaridade e lealdade aos termos da língua fonte, não só ao significado, mas também a coloquialidade do original, pois a tradução assimétrica é leal a somente um dos idiomas, normalmente ao original, porém é necessário cuidado em uma tradução protocolar, pois o original pode ser alterado na busca de uma equivalência linguística.

Segundo Hilton e Skrutkowski (2002), o tradutor tenta buscar um nível mais acessível de escrita, em frases mais simples e curtas, fazer mais repetições de substantivos em vez de pronomes, evitar metáforas e formas possessivas, buscar o uso de termos mais específicos em vez de gerais e evitar formas subjuntivas e palavras que possibilite amplas interpretações. Os autores defendem ainda que a recorrência do uso de questionários traduzidos é uma alternativa prática por considerar elementos construídos, padronizados e testados no âmbito de uma outra comunidade cultural. Os autores, entretanto, alertam para o cuidado de se considerar o sentido da escala original para evitar a tradução palavra-por-palavra e garantir, assim, uma avaliação dentro dos critérios estabelecidos no instrumento original.

Deliza, Rosenthal e Costa (2003, p. 44) salientam que a falta de um instrumento de pesquisa na língua desejada acena para o desenvolvimento de instrumentos no próprio idioma ou para a utilização dos existentes após as devidas traduções e validações. Os autores destacam que, no caso da segunda possibilidade, “um processo de adaptação cultural e posterior avaliação da validade da nova versão são requeridos antes que o instrumento possa ser recomendado para ser usado em culturas diferentes daquela para a qual foi originalmente desenvolvida”.

---

<sup>2</sup> É importante considerar que o CFP (2013), prenuncia que caso haja a necessidade os instrumentos de avaliação psicológica podem ser “adaptados”. Pensando na acessibilidade linguística desses indivíduos surdos a este instrumento de avaliação, a tradução deste protocolo também pretende atender as determinações do CFP (2013), podendo ser consultado: <http://satepsi.cfp.org.br/docs/cartilha.pdf>.

Weeks, Swerissen e Belfrage (2002, p. 155) salientam, no entanto, que independentemente do método escolhido para traduzir os instrumentos de estudo, a qualidade da tradução é altamente dependente e influenciada pelo(s) tradutor(es) envolvido(s) no processo. Por isso, os autores recomendam que

especialistas e intérpretes devem incluir intérpretes profissionais, leigos que sejam monolíngues e representativos das populações estudadas, pessoas que sejam bilíngues com a língua fonte como sua primeira língua, e pessoas que sejam bilíngues com a língua meta como sua primeira língua<sup>3</sup>.

Com esses aspectos nota-se como o gênero do material de uma tradução exige estratégias particulares, como o uso de termos específicos, e, para além de questões presentes em outras traduções de línguas distintas, no âmbito da língua de sinais, é a intermodalidade que promove a visibilidade do profissional, por conta da singularidade gesto-visual exigida da língua (Libras).

---

<sup>3</sup> Na fonte: *“Experts and interpreters should include professional interpreters, laypeople who are monolingual and representative of the populations being studied, people who are bilingual with the source language as their first language, and people who are bilingual with the target language as their first language”*.( SWERISSEN, BELFRAGE, 2002, p. 155)

## CAPÍTULO 2: METODOLOGIA

---

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, com caráter analítico-descritiva. Segundo Silveira e Córdova (2009 p.32) “os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos”. Trata-se de uma tradução comentada no qual são descritos os procedimentos de tradução e as estratégias utilizadas antes e durante o processo. Nesse sentido, ressalta-se que além da abordagem qualitativa, a pesquisa possui uma natureza aplicada, com objetivos de transcrever e comentar os processos tradutórios a partir de referenciais teóricos previamente delineados e de bibliografia sobre o tema levantado em pesquisa documental.

### 2.1. Coleta e apresentação dos dados

A fim de registrar todo o processo tradutório adotou-se como dispositivo metodológico o *diário de tradução* que se constitui em um instrumento que permite ao tradutor anotar e descrever todo o percurso realizado durante a sua atividade tradutória. Segundo Rossi (p. 81, 2014),

redigir seu próprio diário de tradução em paralelo às traduções implica trazer à tona tais representações sobre a própria língua, e sobre a ligação de sua língua nativa com as demais que ele aprendeu no decorrer de sua vida. Essa conscientização é possível se partimos dos problemas encontrados e das escolhas feitas no decorrer do texto, refletindo sobre elas.

O diário de tradução, desta forma, acaba se tornando um material importante para o tradutor, pois ele irá registrar dificuldades encontradas, escolhas e estratégias utilizadas em todo o processo tradutório (ROSSI, 2014) permitindo, então, posteriormente, que analise seu próprio trabalho apresentando e explicando suas decisões. A descrição dos processos e procedimentos, no caso aqui descrito, é necessária para que se evidencie todos os passos da tradução que foram utilizados na mediação dessas duas línguas e os acordos que foram sendo estabelecidos com a equipe envolvida no processo, pois além de se tratar de línguas com modalidades distintas também se trata de línguas culturalmente diferentes.

Para a realização da descrição dos procedimentos de tradução, foi necessário filmar a tradução do material proposto. O local de gravação foi o Laboratório de Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (LATRAVILIS) do Departamento de Psicologia da UFSCar. Para tanto foi utilizada (i) uma câmera fixada em um tripé direcionada ao tradutor que ficou posicionado à frente de (ii) um fundo verde que possibilitou, posteriormente, edição e tratamento do material. Foi utilizado também (iii) um computador que permitiu a visualização da EAM pelo tradutor. O computador foi posicionado na mesma linha da câmera para evitar que o olhar do tradutor fosse desviado para buscar o texto fonte.

A tradução foi realizada por uma equipe composta de cinco participantes: o aluno do curso de graduação em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa (TILSP) Vitor Dias de Souza, a aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação Educação Especial da UFSCar Priscila Giamloureño, seus respectivos orientadores, Vinicius Nascimento e Lara Ferreira dos Santos, ambos professores do Departamento de Psicologia da UFSCar para o TILSP e o técnico em audiovisual do curso Rodrigo Vecchio Fornari. Foram realizadas três diferentes versões de tradução do material com o objetivo de garantir possíveis melhoras no processo a partir das orientações dos professores supervisores e consultores que avaliaram uma das versões.

No processo metodológico desta pesquisa, como mencionado acima, foram feitos diversos processos de registro do diário de tradução e que serão apresentados a seguir.

## **2.2. O processo em registro: dados do diário de tradução.**

De início, no dia 23 de maio de 2018, a equipe de tradução do material, compareceu em uma reunião com o Prof. Dr. João dos Santos Carmo, o autor do protocolo em ansiedade a matemática (CARMO, 2008). Nessa reunião aconteceram orientações gerais sobre a EAM e que poderiam contribuir com a tradução. Por ser o autor do instrumento original foi possível dialogar com ele a respeito das intenções que desse subprojeto em relação à pesquisa “guarda-chuva”.

No dia 11 de junho de 2018, para trabalhar na primeira proposta de tradução, foi discutido ponto a ponto no que diz respeito às perguntas que envolviam este protocolo, com um produto inicial para a realização da primeira tradução do material. É importante ressaltar que dúvidas do texto original surgiram dentro da equipe de tradução e que

foram encaminhadas diretamente para o professor João dos Santos Carmo que, ao responder, possibilitou a equipe traduzir de acordo com o sentido proposto na escala original.

No dia 13 de junho de 2018, dois dos integrantes, já com o horário reservado antecipadamente, compareceram no LATRAVILIS para realizar as gravações da tradução piloto. Ao chegarmos no local, nos deparamos com um problema: os materiais previstos para a realização dessa gravação, os quais são, a câmera apoiada em um tripé direcionado aos tradutores, juntamente de um computador para possível consulta tradutória, não estavam disponíveis por problemas internos do local; outras pessoas haviam retirado a câmera do ambiente impossibilitando que a primeira gravação tivesse ocorrido de forma adequada e coerente.

Então demos início ao primeiro momento de gravação através de um celular dos integrantes presentes no qual foram gravados todos os momentos (acertos e erros). Posteriormente, todos os vídeos foram arquivados para uma futura avaliação e análise da primeira versão. Com o fim da gravação, iniciou a elaboração da edição, que ao ser concluída foi encaminhada aos professores integrantes para que elaborassem uma avaliação piloto, no dia 14 de junho de 2018.

Após o retorno dos professores foi marcada, novamente, uma segunda reunião do grupo com o objetivo de discutir os *feedbacks* elaborados pelos professores, e com base nessa devolutiva, elaborar uma segunda tradução do material.

No dia 03 de julho de 2018, ocorreu a segunda reunião do grupo para discutir o que já foi mencionado anteriormente. O grupo se reuniu no LATRAVILIS e a partir das discussões realizadas foi elaborada uma segunda tradução do material, a qual algumas perguntas foram mantidas, mas em sua maioria foram alteradas, de acordo com os *feedbacks* dos professores supervisores.

Logo em seguida, iniciou-se o processo de gravação. Desta vez, tudo estava no local conforme previsto anteriormente, as câmeras, o tripé e o computador e novamente o técnico responsável foi gravando todo o processo tradutório da gravação (acertos e erros) e posteriormente armazenados. Com a realização da gravação iniciou-se o processo de edição e, quando encerrada, foi encaminhada novamente ao grupo para que avaliação novamente, no dia 11 de julho de 2018.

Com a validação da equipe, foi encaminhado aos consultores que avaliariam a tradução realizada por meio de um protocolo elaborado pela equipe (ANEXO 1) e que

permitiu que cada pergunta fosse analisada com possíveis observações. A equipe de consultores foi formada por um professor surdo do Departamento de Psicologia da UFSCar e que atua no curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa e por uma intérprete da mesma instituição. Este processo ocorreu no dia 13 de julho de 2018.

Com o *feedback* dos consultores nos dias 16 de outubro de 2018 e 21 de setembro de 2018 a equipe percebeu que seria necessária a avaliação de um terceiro consultor, mas não foi possível obter essa avaliação, pois o consultor convidado não respondeu o formulário no tempo solicitado pela equipe. A equipe decidiu então manter as duas avaliações realizadas. Com os *feedbacks* dos consultores em mãos, os professores responsáveis marcaram uma terceira reunião da equipe em que foi discutida e estudada todos os retornos obtidos para a realização de uma terceira e última gravação da tradução. Neste dia (21 de novembro de 2018) foi gravada toda a discussão deste processo que permitiu a adequação da terceira tradução: se manteve a tradução de algumas perguntas, mas, de acordo com os consultores, foi preciso fazer algumas alterações em outras, para que ficasse mais acessível ao público alvo, em questão.

Com a terceira versão da tradução já realizada e conforme combinado no dia 26 de novembro de 2018, ocorreu a terceira gravação, que assim como as anteriores, foi filmado todo o processo de estudo tradutório e da gravação do material, posteriormente arquivados. Com o fim da terceira gravação, se iniciou o processo de edição, que ao se encerrar, foi novamente encaminhado à equipe de tradução no dia 27 de novembro de 2018.

A primeira versão da tradução foi avaliada e debatida pela equipe de tradução que assistiu os vídeos e conversou sobre a possibilidade de algumas alterações. Depois dessa primeira avaliação foi realizada uma segunda versão da tradução que, após finalizada, foi encaminhada para consultores que não faziam parte da equipe de tradução a fim de que eles pudessem avaliar e dar sugestões de melhorias. Os produtos dessas gravações estão arquivados em um site e em um HD externo. Os detalhes metodológicos do processo de tradução foram descritos por Giamlourengo e Santos (*no prelo*)<sup>4</sup>. Nesta pesquisa, apresentamos a tradução da escala comentada. Os dados serão

---

<sup>4</sup> GIAMLOURENÇO, P. R. G.M.; SANTOS, L F dos. Tradução e adaptação de Escala Ansiedade à Matemática para Língua Brasileira de Sinais (Libras). Educação Matemática em Revista. (*no prelo*).

apresentados em forma de tabelas que apresentarão o texto em língua portuguesa, o texto em libras com imagens do tradutor e as glosas localizadas abaixo.

### **2.3. Aspectos da tradução comentada**

Embora a tradução comentada seja uma prática já consagrada nos Estudos da Tradução e no mercado editorial, são poucos os estudos que analisam o processo de realização dessa atividade no cenário acadêmico e profissional. A tradução comentada, conforme defende Santiago (2016, p. 2), “se faz importante como exercício nos estudos da tradução, e na reflexão sobre esse fazer” e pode envolver discussões sobre a tarefa do traduzir, análises dos textos envolvidos e justificativas sobre as escolhas de todo o processo tradutório.

No contexto de formação de novos tradutores, a tradução comentada é de grande valia porque, conforme defendem Zavaglia, Renard e Janczur (2015), a função de uma tradução comentada seria principalmente a pedagógica por permitir que o aluno registre suas próprias escolhas tradutórias, com base no texto original, tentando entender as suas dificuldades no processo, sejam essas morfológicas, sintáticas ou ligadas a aspectos culturais. Segundo os autores,

uma das propriedades da tradução comentada em contexto acadêmico reside no registro do percurso tradutório do estudante, que deixa transparecer, por seus comentários de tipos diversos, suas dúvidas, suas escolhas iniciais, suas escolhas finais, seus embasamentos teóricos para os gestos cognitivos ou intuitivos, as justificativas das estratégias tomadas e os procedimentos fundamentais que colaboraram para a sua realização. Do mesmo modo, a forma de uma tradução comentada seria aquela em que o tradutor apresenta o contexto da obra e do autor, justifica sua importância – o que determina frequentemente a sua função –, fundamenta seus procedimentos tradutórios, selecionando alguns trechos mais significativos, e, com base nesses exemplos, discute as estratégias de tradução utilizadas. (ZAVAGLIA, RENARD, JANCZUR p. 349, 2015).

Os autores defendem ainda que esse gênero possibilita que o tradutor apresente explicações e também anotações realizadas no decorrer de sua prática (pontos positivos e negativos), analisando o contexto em que o texto fonte está inserido, e também exemplificando/demonstrando as dificuldades e problemas que foram enfrentados no desenvolver do processo, sejam esses aspectos linguísticos (gramaticais) ou estrutural (ambiente). Na tradução comentada existe um processo de registro “[...]”

primordialmente analítico, que permite ao tradutor questionar constantemente suas as decisões” (Idem, p. 349).

Segundo Santiago (2016, p. 4), o percurso de uma tradução comentada

envolve a contextualização da produção do comercial e apresentação dos problemas enfrentados na tradução, assim como, os comentários sobre as escolhas tradutórias. A análise se baseia nas anotações de estudo e produção de roteiro de tradução, e na apreciação do produto final editado [...].

Com isso, os autores demonstram que a tradução comentada é um gênero acadêmico que pode auxiliar na prática de estudantes ou profissionais da área, possibilitando ao indivíduo envolvido a demonstração/apresentação e também a realização de reflexões sobre todo o seu processo e percurso tradutório.

## CAPÍTULO 3: TRADUÇÃO COMENTADA

---

O primeiro movimento prático da equipe de tradução após conversar com o autor da EAM, foi estudar separadamente a escala e conversar sobre suas primeiras impressões e planejar a tradução de cada pergunta. Esse planejamento aconteceu por meio de uma tabela em que foram colocadas as glosas<sup>5</sup> dos sinais a serem produzidos pelo tradutor e, na medida em que o processo avançava, foram sendo anotadas as dificuldades, estratégias debatidas e escolhidas nas três versões traduzidas. A tabela foi criada pela equipe de tradução e foi, conforme mostram Giamloureço e Santos (2019, *no prelo*), um importante instrumento para a realização da pesquisa.

### 3.1. Estratégias de estudo e preparação

Na primeira coluna da tabela, são apresentadas as 25 questões do protocolo. Na segunda coluna as glosas do material da primeira versão da tradução. E a terceira e quarta colunas sucedem a segunda e terceira versão do material. Importante ressaltar que nas colunas dois, três e quatro as letras em caixa alta, apresentam a glosa construída no processo e as letras em caixa baixa representam as orientações (para o momento de gravação) dos docentes supervisores da equipe. Os números encontrados na tabela abaixo referem-se ao tempo indicado na câmera no momento da finalização da tradução para que auxiliasse no momento da edição posteriormente. A expressão “Ok” encontrada repetidamente na tabela apresenta uma estratégia de controle da equipe para saber quais perguntas já haviam sido realizadas e finalizadas as traduções.

É importante ressaltar que EAM contém as respostas a serem escolhidas pelos alunos são a) nenhuma ansiedade, b) baixa ansiedade, c) ansiedade moderada, d) alta ansiedade, e) extrema ansiedade (CARMO, 2008). As respostas não foram traduzidas porque a equipe decidiu que elas seriam apresentadas ao público com a utilização de *emoticons* representativos de intensidade.

---

<sup>5</sup> Há outras maneiras de registro como o signwriting. Foi utilizado nesta pesquisa a construção de glosa, pois possibilita atingir maiores números de leitores devido a sua facilidade de compreensão.

<b>Questões originais do protocolo em LP</b>	<b>Glosas para a tradução 1º versão</b>	<b>Glosas para a tradução 2º versão</b>	<b>Glosas para a tradução 3º versão</b>
1 OK 1123 Quando vejo escrita a palavra “matemática” sinto 1125	PALAVRA MATEMÁTICA, PALAVRA VER. SENTIR COMO?		TEM PALAVRA M-ATEMATICA Usar PALMA VER PALAVRA ESCRITA SINTO COMO
2 OK 11: 28 Quando ouço a palavra “matemática” sinto	SINAL MATEMÁTICA. SINALIZAÇÃO VER SINAL SENTIR COMO		SINALIZAR me SINAL MATEMÁTICA SENTIR COMO
3 OK 1130 Quando escrevo a palavra “matemática” sinto	PALAVRA MATEMÁTICA HORA ESCREVER ESSA PALAVRA SENTIR	COMO	EU PROPRIO ESCREVER PALAVRA MATEMATICA SENTIR COMO Marcar arqueamento expressão
4 OK 1136 Alguns dias antes da aula de matemática sinto	AULA MATEMÁTICA DIAS ANTES SENTIR COMO	TEMPORALIDADE Marcar espacialmente	AULA MATEMATICA ALGUNS DIAS ANTES menos regional possível. Considerar o espaço na temporalidade
5 OK 1142 Um dia antes da aula de matemática sinto	AMANHÃ AULA MATEMÁTICA. COMO SENTIR. COMO SENTIR HOJE	Ultima AULA MATEMATICA AMANHA	AULA MATEMATICA 1 DIA ANTES SENTIR COMO
6 OK 1149 Alguns minutos antes da aula de matemática sinto	AULA MATEMÁTICA QUASE (PERSPECTIVA) COMEÇAR COMO SENTIR ANTES		AULA MATEMATICA QUASE PERSPECTIVA MINUTOS (exp) COMEÇAR SENTIR CMO
7 1155 Durante a aula de matemática, quando apenas devo copiar o que está no quadro, sinto	HORA AULA MATEMÁTICA LOUSA COPIAR COMO SENTIR (COPIAR)		HORA AULA MATEMATICA LOUSA COPIAR ESCREVER SÓSENTIR COMO
8 1157 Durante a aula de matemática, quando devo resolver sozinho um exercício, sinto 1161	HORA AULA MATEMÁTICA DENTRO PRÓPRIO SOZINHO ATIVIDADE FAZER RESOLVER. COMO SENTIR		USAR 2 SINAIS SOZINHO
9 1166 Durante a aula de matemática, quando	HORA AULA MATEMÁTICA		SENTIR COMO

participo de trabalhos em equipe, sinto	GRUPO INTERAGIR ATIVIDADE COMO SENTIR?		
10 1170 Durante a aula de matemática, quando devo mostrar os exercícios ao professor	HORA AULA MATEMÁTICA ATIVIDADE (FAZER) MOSTRAR PROFESSOR. SENTIR COMO	Inserir os sinais PRECISAR MOSTRAR	MANTER SENTIR COMO
11 72 Durante a aula de matemática, quando devo ir ao quadro, sinto	SE AULA MATEMÁTICA PRECISAR IR LOUSA (ESCREVER) COMO SENTIR?		SENTIR COMO
12 1175 Ao folhear o livro ou o caderno de matemática, sinto	FOLHEAR LIVRO CADERNO MATEMÁTICA COMO SENTIR		LIVRO PROPRIO MATEMATICA FOLHEAR SENTIR COMO
13 1177 Quando o professor de matemática me dirige a palavra, fazendo perguntas sobre matemática, sinto	MATEMÁTICA PROFESSOR VIR PERGUNTAR ME ASSUNTO MATEMÁTICA COMO SENTIR	Cuidado com expressão inserir os sinais PROFESSOR (sinal- 'to get') PERGUNTAR	SENTIR COMO
14 1178 Após a aula de matemática, sinto	MATEMÁTICA AULA ACABAR COMO SENTIR		MATEMATICA AULA ACABAR DEPOIS SENTIR COMO
15 1181 Ao fazer dever de casa de matemática, sinto	CASA PRÓPRIO MATEMÁTICA ATIVIDADE (FAZER) COMO SENTIR	Inserir os sinais em caixa alta ESTUDAR Deixar menos linear Organizar mais visualmente AULA MATEMATICA LUMINAR olhar ACABAR COMO SENTIR	TER TRABALHO ATIVIDADE MATEMATICA MAS CASA FAZER* SENTIR COMO
16 1190 Quando em casa não consigo resolver o dever de matemática, sinto 1191 1192	HORA CASA PRÓPRIO MATEMÁTICA ATIVIDADE (FAZER) CONSEGUIR NÃO COMO SENTIR	Usar os sinais CONSEGUIR LIMITE Para complementar/ expandir	NÃO USAR NO QUEIXO PARECE GÍRIA não acessível em outros estados
17 1198 Um dia antes de entregar um dever de casa de matemática que não consegui resolver, 1203	MATEMÁTICA ATIVIDADE (RESOLVER) CONSEGUIR NÃO AMANHÃ PRECISAR ENTREGAR COMO SENTIR	Inserir/usar os sinais CASA ATIVIDADE MATEMÁTICA LIMITE NAO CONSEGUIR	Manter na mesma linha de raciocínio NÃO CNSEGUIR LIMITE AMANHÃ ENTREGAR
18 1206 Quando os colegas de sala estão falando sobre matemática, sinto	COLEGAS ESTUDAR COM MATEMÁTICA ASSUNTO FALAR SENTIR COMO Aqui muito linear como a situação pra	Usar inserir os sinais CONVERSAR LIBRAS SALA GRUPO CONVERSAR MATEMÁRICA	ASSUNTO aspas AMIGO SALA AULA GRUPO CONVERSAR ASSUNTO MATEMATICA

	Libras	VER	VER eu vejo SENTIR COMO
19 1212 Quando encontro o professor de matemática fora da sala de aula, sinto	MATEMÁTICA PROFESSOR ENCONTRAR QUALQUER LUGAR COMO SENTIR	Marcar que é fora da sala de aula. Perguntar para o João se pode inserir elemento	SALA AULA FORA PROFESSOR MATMÁTICA ENCONTRAR direção SENTIR COMO
20 1214 Um dia antes da prova de matemática, sinto	AMANHÃ PROVA MATEMÁTICA COMO SENTIR		PROVA MATEMÁTICA AMANHÃ SENTIR COMO
21 1216 Minutos antes da prova de matemática, sinto	QUASE POUCO COMEÇAR PROVA MATEMÁTICA COMO SENTIR	PROVA HORA RECEBER FOLHA Isso é visual!	Inserir QUASE TAPU MINUTOS SENTIR COMO
22 1219 Durante a prova de matemática, sinto	HORA PROVA MATEMÁTICA COMO SENTIR		HORA PROVA MATEMÁTICA ESCREVER SENTIR COMO
23 1221 Após a prova de matemática, sinto	MATEMÁTICA PROVA ACABAR COMO SENTIR	Inserir/usar sinais PROVA ACABAR ENTREGAR	MANTER
24 1223 No dia da entrega das notas de matemática, sinto	PROVA MATEMÁTICA NOTA (PROFESSOR) FALAR NOTA COMO SENTIR	Inserir/usar sinais ENTREGAR PROFESSOR CORRIGIR PROFESSOR FALAR QUANTOS NOTA (queixo)	DIA PROFESSOR DAR NOTA MATEMÁTICA SENTIR COMO
25 1228 No dia do resultado final, sinto	MATEMÁTICA MÉDIA FINAL FALAR ME COMO SENTIR	Perguntar p João que final é esse?	ANO ESTUDAR ACABAR DIA ULTIMO PROFESSOR DAR NOTA (2) FINAL SENTIR COMO

Tabela 1: Descrição processo tradutório (3 versões).

*Fonte: construído pelos membros da equipe de tradução da pesquisa.*

### 3.2. Avaliações dos consultores

Como já mencionado anteriormente, com a finalização da segunda versão, a tradução foi encaminhada para dois consultores. Dentre os pontos abordados pelos consultores, elencamos dois que tiveram extrema relevância na produção da terceira versão da tradução:

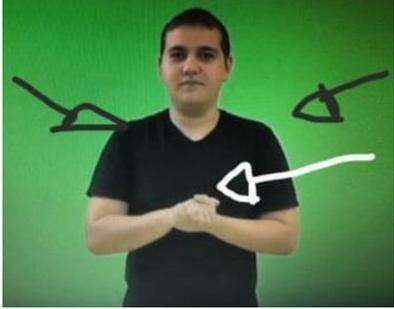
AVALIAÇÃO DOS CONSULTORES	EXEMPLIFICAÇÃO DESSA AVALIAÇÃO
<p>CONSULTOR 1<sup>o</sup>: <i>Todos têm que fazer novo, a estrutura da Libras devem continua assim, estão bom, e menos ansiedade.</i></p>	 <p>Figura 1.</p>
<p>CONSULTOR 2: <i>As questões estão muito bem sinalizadas pelo profissional de forma clara que o questionário necessita, mas sugiro a revisão das questões indicadas como sugestão pensando na diversidade e amplitude da aplicação do mesmo, pensando que muitas vezes o entrevistado pode não compreender alguma questão ou parte dela.</i></p> <p>Pergunta 25: <i>melhor fazer o sinal de “último”, de forma a proporcionar mais clareza na questão.</i></p>	 <p>Figura 2.</p>

Tabela 2: Avaliação dos consultores.

Fonte: elaborado pelo autor

No comentário realizado pelo consultor 1 foi indicado que durante o processo o tradutor apresentou sinais de ansiedade como tensão nos ombros e excessivo aperto das mãos nos períodos de não sinalização (indicados através de flechas na imagem acima).

O ponto interessante a ser mencionado é que devido a história do tradutor com a disciplina de matemática durante sua vida escolar, por atuar em uma equipe com supervisores e ser essa a primeira atividade de tradução para além das demandas das disciplinas da graduação, o tradutor demonstrou, em sua sinalização, ansiedade, tema do protocolo traduzido, e que foi perceptível ao consultor. Um ponto a ser observado é que tradutores são sujeitos e são constituídos em um dado meio social, histórico e, também, político. Soma-se a isso o fato de que em uma tradução intermodal a invisibilidade do tradutor defendida por correntes clássicas dos estudos da tradução (SILVA, 2011) vai além da questão das escolhas tradutórias: aqui o corpo do tradutor é o próprio texto

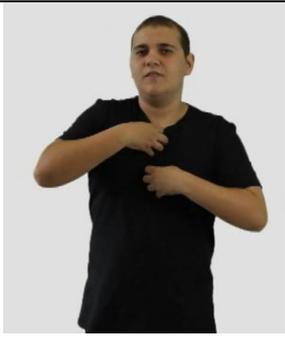
<sup>6</sup> Por se tratar de um professor surdo da instituição, sua língua materna é a Libras, sendo a língua portuguesa na modalidade escrita sua segunda língua, por este motivo o português é apresentado estrutura de segunda língua. Decidimos manter a apresentação do texto da forma como o consultor enviou.

apresentado e, por isso, as condições de produção da tradução são perceptíveis ao interlocutor do texto traduzido.

O consultor 2 avaliou que seria importante em perguntas específicas (indicadas no protocolo de avaliação dos consultores), como exemplificado acima a questão 25, que na nova versão realizada (3ª versão), fosse repensado alguns sinais (exemplo acima, sinal ÚLTIMO), pois isso proporcionaria maior compreensão do público alvo (crianças surdas), que foi a maior preocupação da equipe durante o processo.

### 3.3. Processo tradutório e as 3 versões da tradução

Na tabela abaixo apresentamos um exemplo de alteração da produção dos itens lexicais de uma das perguntas. O enunciado em língua portuguesa “você se sente como” foi traduzido para “VOCÊ SENTIR COMO”. Entretanto, na primeira versão o sinal SENTIR, que do ponto de vista fonológico possui um movimento de contato direto com a região do tórax, foi apresentado como ANGÚSTIA devido o tradutor ter realizado um movimento rotacional apoiado no tórax mudando completamente a produção do sentido da pergunta. Na segunda versão o movimento não foi realizado e na terceira o sinal foi apresentado de maneira mais adequada. Do mesmo modo, o item COMO, evoluiu do ponto de vista da expressão facial que, na versão 3, estava mais adequada.

1ª VERSÃO	2ª VERSÃO	3ªVERSÃO
 <p>Figura 3. ANGÚSTIA</p>	 <p>Figura 5. SENTIR</p>	 <p>Figura 7. SENTIR</p>

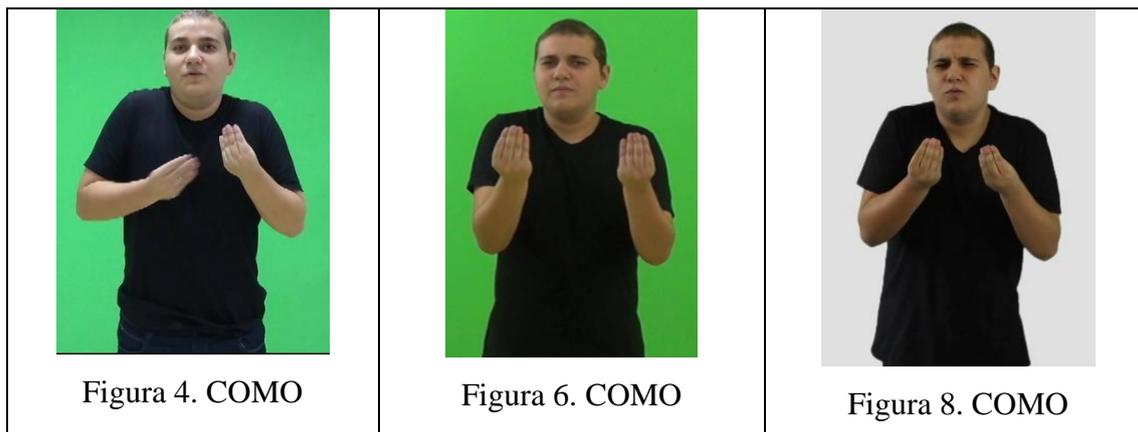


Tabela 3: Processo Tradutório (3 versões)

*Fonte: elaborado pelo autor*

A preocupação inicial, que se prolongou por todo o processo tradutório inclusive das outras versões, foi o de sempre pensar na especificidade da língua de sinais e do público alvo desta tradução, neste caso crianças, sempre buscando sinais mais utilizados pela ampla comunidade surda, além de apresentar uma sinalização e datilologia clara e calma sem perder o sentido ou se esquecer da cultura surda.

Durante todo o processo de tradução da primeira versão foi bastante complicado trabalhar a questão da expressão, aspecto extremamente importante na Libras. E mesmo que a equipe e o tradutor (que ficou visível na tradução) (SEGALA; QUADROS, 2015) tenha realizado um estudo prévio de todo o material a ser traduzido também era a primeira vez que seria realizado uma tradução desse porte, o tradutor apresentou diversas dificuldades, não somente em relação aos aspectos ligados ao espaço e à visualidade, mas também do material em si. Como já mencionado, por se tratar de um material novo houve diversos erros de sinalização em grande parte das 25 perguntas, se prolongando o processo tradutório por aproximadamente 2 horas e meia, sendo um dia cansativo.

Durante a realização do processo da segunda versão, o material já estava sendo trabalhado há algum tempo, mas ainda houve alguns problemas válidos a serem mencionados abaixo. As principais dificuldades ocorreram devido a gramática específica da Libras, como o uso do espaço de sinalização, tendo que uma parcela das perguntas foi regravada diversas vezes. Também neste processo (segunda versão) houve grande preocupação em relação as expressões, que ainda era necessário melhorar na versão seguinte.

Como o próprio tradutor não tem, devido a sua história, uma boa relação com a disciplina de matemática diversos momentos precisaram ser regravados, pois, conforme apontado por um dos consultores, estava transparecendo certo incomodo com a disciplina em algumas perguntas o que poderia influenciar as respostas do público deste protocolo.

Devido a esses acontecimentos também foi necessário um longo período para a gravação da segunda versão do material, sendo por volta de 2 horas, causando dor e desconforto ao tradutor, na medida em que a tradução do material ia avançando.

O processo da terceira versão foi o mais confortável a ser realizado, pois como já havia se passado um período de alguns meses de estudo do material, bem como a realização de duas versões, o tradutor estava mais familiarizado com o processo tradutório e com a equipe envolvida.

Com o *feedback* dos consultores se iniciou o processo de tradução da terceira e última versão do material com pequenas alterações em uma pequena parcela das perguntas no que se diz respeito as estruturas e utilização de sinais que foram sugeridos. Devido ao conforto do processo, o tradutor estava mais tranquilo em realizar a atividade, ficando calmo no momento da tradução (sugestão de um consultor que percebeu o nervosismo). Os erros cometidos nas outras duas versões não foram repetidas fazendo com que o processo tradutório ocorresse mais rapidamente em aproximadamente 1 hora.

É importante ressaltar que há diferenças entre cores (fundo verde) da primeira e segunda versões por conta da iluminação externa do local. A edição das cores de fundo foi acordada em uma cor mais neutra para que se mantivesse o mais adequado possível ao público, crianças surdas.

A seguir será apresentado algumas escolhas e estratégias tradutórias utilizadas na terceira versão da tradução – a versão final utilizada na pesquisa piloto – em 5 das 25 perguntas do material, as quais proporcionaram maiores discussões e estratégias durante o processo.

### 3.4. Questões-problema do processo tradutório

TEXTO-FONTE PERGUNTA	TEXTO-ALVO
<p>Pergunta 1: Quando vejo escrita a palavra “matemática” sinto</p>	<div data-bbox="790 443 1034 763" style="text-align: center;">  <p>Figura 9. TER</p> </div> <div data-bbox="459 801 1369 958" style="text-align: center;">  <p>Figura 10. PALAVRA M-A-T-E-M-Á-T-I-C-A</p> </div> <div data-bbox="655 996 906 1294" style="text-align: center;">  <p>Figura 11. ESCRITA</p> </div> <div data-bbox="927 996 1171 1294" style="text-align: center;">  <p>Figura 12. VER</p> </div> <div data-bbox="651 1339 906 1675" style="text-align: center;">  <p>Figura 13. SENTIR</p> </div> <div data-bbox="927 1339 1171 1675" style="text-align: center;">  <p>Figura 14. COMO</p> </div>

Tabela 4: Pergunta 1  
Fonte: elaborado pelo autor.

Desde a primeira versão esta pergunta foi um problema no momento tradutório, pois a equipe pensou em utilizar o sinal referente a matemática para abranger o máximo de crianças surdas possíveis. Porém no momento da gravação houve bastante

dificuldade de como deixar visualmente nítido de que se tratava não apenas do sinal, mas, sim, da palavra *matemática* escrita em língua portuguesa.

Na realização da segunda versão após conversa e *feedback* dos professores componentes da equipe a tradução da pergunta foi modificada a fim de deixar o mais visual possível para que a comunidade surda possa compreender do que se trata o enunciado. Isso está relacionado com o princípio bakhtiniano de orientação da palavra. Segundo Volochínov (2017, p. 204),

a palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido etc.). Não pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado; pois com ele não teríamos uma língua comum nem no sentido literal, tampouco no figurado.

Como a questão pressupunha o conhecimento da palavra escrita e as crianças surdas possuem o português como segunda língua, decidiu-se deixar mais destacado que se tratava da palavra matemática escrita e para isso foi utilizada a estratégia da datilologia<sup>7</sup> de forma lenta e clara para maior compreensão.

Na realização da terceira versão, e já com o *feedback* dos consultores, foi mantido o destaque de que a palavra matemática estava escrita mantendo o sinal referente a PALAVRA na mão esquerda enquanto era realizada a datilologia, com a mão direita, de M-A-T-E-M-A-T-I-C-A. Importante ressaltar que a datilologia foi direcionada mais para baixo próximo a região do peito, pois na versão anterior, estava sendo realizada muito acima tampando o rosto no momento da datilologia.

---

<sup>7</sup> “a Datilologia ou alfabeto manual é um sistema de representação, quer simbólica, quer icônica, das letras dos alfabetos das línguas orais escritas, por meio das mãos. (...), fazendo parte da LIBRAS” (FERNANDES E ROMEIRO, 2016, p.172,173).

TEXTO-FONTE PERGUNTA	TEXTO-ALVO
Pergunta 2: Quando ouço a palavra “matemática” sinto	<div data-bbox="608 331 1206 674" data-label="Image"> </div> <p data-bbox="722 678 1091 712">Figura 15. ME SINALIZAR</p> <div data-bbox="608 712 906 1032" data-label="Image"> </div> <p data-bbox="643 1037 879 1070">Figura 16. SINAL</p> <div data-bbox="922 712 1206 1032" data-label="Image"> </div> <p data-bbox="919 1037 1278 1070">Figura 17. MATEMÁTICA</p> <div data-bbox="620 1077 903 1420" data-label="Image"> </div> <p data-bbox="639 1424 890 1458">Figura 18. SENTIR</p> <div data-bbox="919 1077 1190 1420" data-label="Image"> </div> <p data-bbox="946 1424 1177 1458">Figura 19. COMO</p>

Tabela 5: Pergunta 2

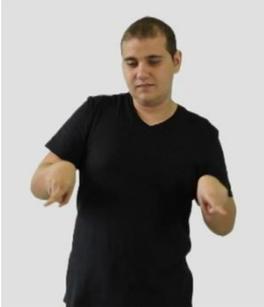
Fonte: elaborado pelo autor.

Esta pergunta foi bastante complexa em como seria realizada a sua tradução, pois a pergunta faz referência direta a “ouvir” a palavra matemática, então como seria a melhor equivalência, para que não mudasse o sentido do pergunta, mas que ainda fizesse sentido e englobasse a comunidade surda, visto que “ouvir”, nesse caso, corresponde ao canal sensorial de recepção das informações linguísticas.

Na primeira versão, foi escolhido que a melhor estratégia para proporcionar equivalência cultural seria adaptar a terminologia ouvir, por “VER SINALIZAR SINAL MATEMÁTICA”, mas com o *feedback* dos professores responsáveis e na construção da

segunda versão, se viu necessário alterar a estratégia utilizada, pois estava parecendo que a equivalência feita anteriormente havia alterado o sentido proposto pelo original o qual se tratava de ouvir a palavra matemática.

Então na realização da segunda e terceira versão da tradução, foi escolhido utilizar o sinal referente “ME SINALIZAR” (como exemplificado na figura 15), para que ainda proporcionasse essa equivalência cultural, visto que “a situação social mais próxima e o ambiente social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 2016). Essa escolha se deu, também, com base a uma expressão comum utilizada pelos surdos quando referenciam um enunciado dito por um terceiro. A fim de evitar a marcação de “falar” enquanto uma atividade ligada a boca, os surdos costumam adotar a expressão mostrada na imagem e que poderia ser transliterada como “ele sinalizou para mim”. Numa tradução cultural para o português, essa expressão equivaleria a “ele disse para mim” ou “ele me disse”.

TEXTO-FONTE PERGUNTA	TEXTO ALVO	
Pergunta 19: Quando encontro o professor de matemática fora da sala de aula, sinto		
		
	Figura 20. SALA	Figura 21. AULA
	Figura 22. FORA	Figura 23. PROFESSOR

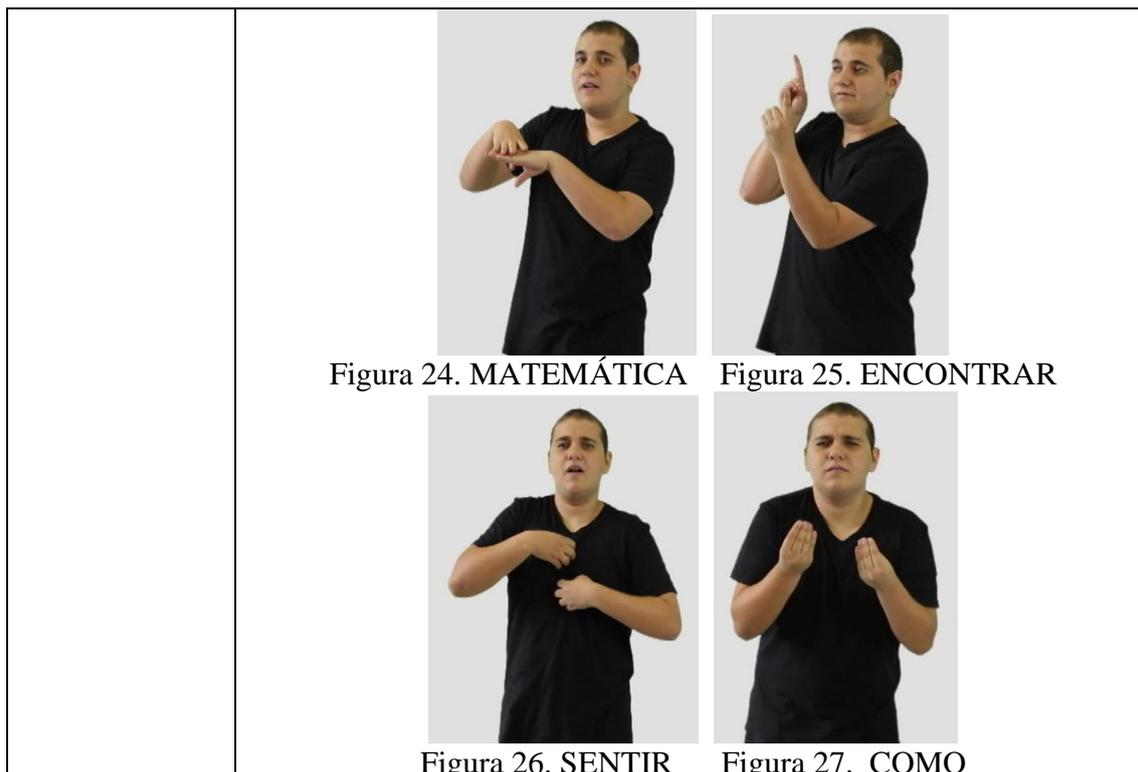


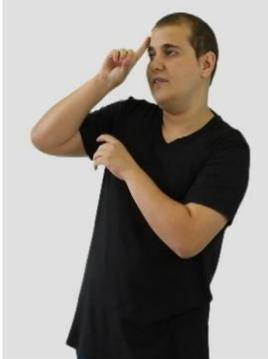
Tabela 6: Pergunta 3

Fonte: elaborado pelo autor.

Um dos maiores problemas dessa questão foi a implicação da modalidade da língua de sinais, pois quando se trata de lugares o enunciador, geralmente, especifica esses lugares sinalizando ou utilizando classificadores para melhor representá-los. Segundo Bernardino (2012), os classificadores compõem a gramática da língua de sinais, sendo um morfema em que pode ser utilizado as mãos ou o corpo para indicar algum nome de referentes ou ações. Portanto ao realizar a primeira versão da tradução, não sabíamos qual a especificidade do lugar de encontro entre o professor e aluno referenciado na questão sendo que, nesse caso, seria um aspecto importante para a realização da tradução para a Libras.

Portanto com a finalização da tradução, foram separadas 2 perguntas que seriam necessárias a consulta com o autor do protocolo original. O autor da escala explicou à equipe que este encontro proposto pela pergunta seria fora da sala de aula, mas ainda dentro das mediações da escola, não podendo acontecer fora do ambiente escolar, como em um shopping, por exemplo. Segundo o autor, por se tratar de um protocolo realizado e aplicado em um ambiente escolar, todas as perguntas contidas permeiam em atividades cotidianas (dos alunos) vivenciadas dentro neste ambiente.

Mas durante a gravação das 3 versões, a tradução desta pergunta foi bastante complicada, pois ela exigia uma organização específica de espaço e visualidade e para onde manter o olhar durante a realização sendo um aspecto importante, para que proporcionasse a maior compreensão do público alvo em questão, as crianças surdas, como também a velocidade de sinalização e datilologia, clareza durante a sinalização. Porém durante a realização das versões, esta pergunta não foi necessária fazer grandes alterações estruturais.

TEXTO-FONTE PERGUNTA	TEXTO-ALVO	
Pergunta 25: No dia do resultado final, sinto		
		
		

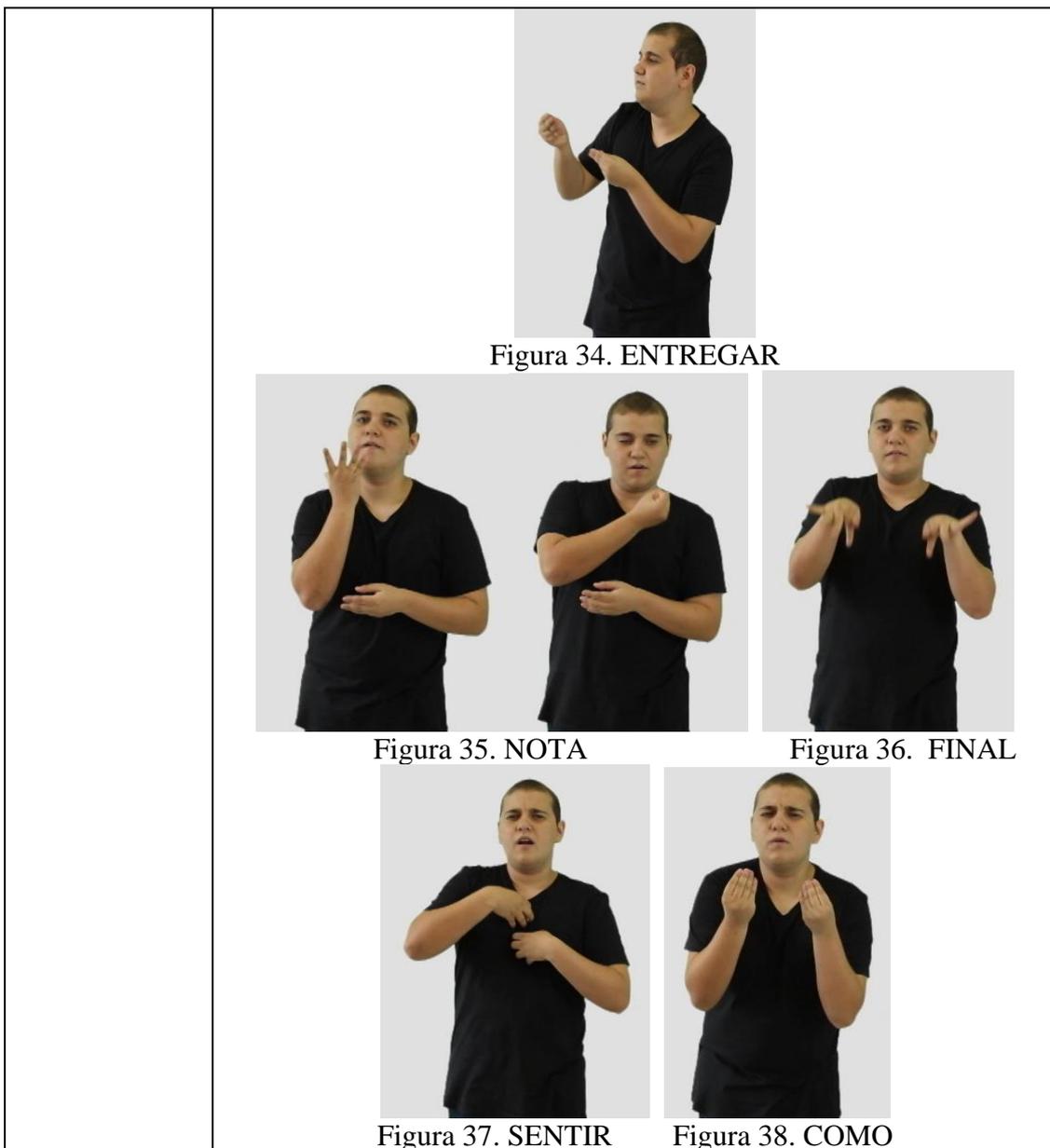


Tabela 7: Pergunta 4

Fonte: elaborado pelo autor.

Essa pergunta em relação ao processo tradutório foi semelhante como a pergunta citada acima, porém ela apresentou barreiras além de dúvidas do contexto proporcionado do original alguns problemas que envolviam estrutura e utilização de sinais. Assim como a outra no momento da tradução da primeira versão, também foi necessário tirar dúvidas com Carmo (2008), pois se “o enunciado como tal é em sua completude um produto da interação social, tanto a mais próxima, determinada pela situação da fala, quanto a mais distante” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 216) saber a que se referia a expressão “resultado final” (do bimestre, do semestre ou do ano) foi crucial para a tradução.

Com a informação de que esse resultado se tratava das notas finais da disciplina de matemática, a equipe em sua primeira versão optou em utilizar mais de um sinal exemplificando que se tratava das notas entregues e que isso seria realizado no último dia de aula.

Com a segunda versão sendo construída, por indicação dos professores responsáveis, buscou-se alterar alguns aspectos, como o de incluir o sinal referente a estudar, para garantir maior compreensão da passagem de ano e estudo chegando ao fim deste ciclo com a entrega de notas. Porém no momento da gravação foi necessário regravar esta pergunta diversas vezes pela dificuldade em proporcionar que esta pergunta ficasse o mais visual possível, como indicado pelos professores.

Após o *feedback* dos consultores e a com a construção da terceira versão sendo realizada, foi sugerido a equipe que adequasse e mudasse o sinal que estava sendo utilizado anteriormente referente a “ÚLTIMO” e buscasse maior compreensão para as crianças, público alvo. Sendo o sinal alterado exemplificado na figura acima. Importante ressaltar que a foi utilizado como uma escolha e estratégia tradutória dois sinais diferentes referente a “nota”, devido a regionalidade da língua, para que assim abrangesse maiores proporções de compreensão.

Permeando por todo esse processo de tradução comentada, desde a estratégias de estudos em grupos, o procedimento de avaliação dos professores supervisores e consultores, a produção das 3 versões que foram realizadas, visou-se neste processo, “resolver” os problemas tradutórios para a produção final do material.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

A apresentação de todo o processo tradutório (estratégias e escolhas de tradução) proporcionou reflexões a respeito do procedimento realizado em uma tradução de um protocolo que se constitui em um gênero hermético e que exige dos tradutores cuidado excessivo com os termos escolhidos para adequar-se ao material original.

O uso do diário de tradução (realizados durante todo o processo) e da tradução comentada (produto) possibilitou ao tradutor manifestar e exemplificar suas dificuldades, acertos, inseguranças e ansiedades durante todo o processo. É importante ressaltar que todas as decisões da equipe foram realizadas conjuntamente tal como descrito, tendo como principal preocupação a compreensão do público alvo.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, foi perceptível o árduo e legítimo processo que envolve uma tradução, exigindo-se tempo, revisão, estudo e do quanto esta prática se difere de uma atividade interpretativa. Todo este processo tradutório em geral foi bastante enriquecedor, pois esta trajetória proporcionou aprendizados, conhecimentos, descobertas, evoluções pessoais e profissionais (graduação), como também a possibilidade da realização de uma memória de tradução, que segundo Stupiello (2014, p. 82), constitui-se na “funcionalidade de um sistema de memória de tradução depende em grande parte do modo como os textos de origem são segmentados e armazenados em conjunto com suas respectivas traduções para posterior recuperação e reaproveitamento.”

Visto o decorrer desta tradução, e a realização das diversas versões, como apresentado anteriormente, uma possibilidade de memória de tradução nesta pesquisa seria a enunciação “SENTIR COMO”, pois por conta de suas repetições no processo, e da troca de sinais, de “ANGUSTIA” e “SENTIR”, torna-se um importante enunciado para se armazenar e reaproveitar futuramente.

Importante ressaltar que a organização de uma equipe de tradutores trabalhando em um único objetivo e material é possível por conta de um curso específico de formação de Tradutores e Intérpretes de Libras/Língua Portuguesa ofertado em uma universidade. Porém traçando um paralelo com a realidade desta profissão fora do âmbito acadêmico, constata-se que a realidade é distinta, pois esses profissionais trabalham em sua maioria individualmente, tendo a possibilidade de algumas trocas de informações e dúvidas com consultores bilíngues e outros profissionais da área.

A realização desta tradução pode impulsionar futuras pesquisas, desde novas versões em Libras deste mesmo material, até traduções (mesmo que em temas diferentes) em língua de sinais a partir do gênero protocolo de avaliação, uma vez que como já mencionado anteriormente, ainda há grande escassez de pesquisas na área.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 174 p. Tradução de: Paulo Bezerra. 2016

BARBOSA, H. G. *Procedimentos Técnicos da Tradução: uma Nova Proposta*. 2. ed. São Paulo: Pontes. 128 p. 2004

BERNARDINO, E. L. A. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/6ecf02602b4f746097e5749734cfd433.pdf>. Acessado em: 04 de novembro de 2019

BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto. p. 61-78. 2017

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana. Revista de estudos do discurso*. São Paulo, V. 8, N. 2, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-45732013000200004> Acesso em: 05/09/2019.

BRASIL. Lei 12.319 de 1 de setembro de 2010. *Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm). Acesso em: 2 de abril de 2018

\_\_\_\_\_. Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. *Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 02 de abril de 2018.

\_\_\_\_\_. Decreto 7.612, de 17 de novembro de 2011. *Institui o plano nacional dos direitos da pessoa com deficiência – plano viver sem limite*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7612.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7612.htm). Acesso em: 03 de novembro de 2019.

\_\_\_\_\_. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. *Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm). Acesso em: 02 de abril de 2018.

BEZERRA, P. Tradução e criação. *Linha d'Água*, n. 25 (2), p.15-23, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v25i2p15-23> Acesso em: 05/11/2019.

BRITO, F. B. de. O movimento surdo no Brasil: a busca por direitos. *Journal of Research in Special Educational Needs*, v. 16, p. 766–769, ago. 2016. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/1471-3802.12214>. Acessado em: 27 de novembro de 2019.

CARMO, J. S.; FERRAZ, A. C. T. Ansiedade relacionada à matemática e diferenças de gênero: uma análise da literatura. *Psicol. educ.* [online]. n.35, pp. 53-71. ISSN 2175-3520, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n35/n35a04.pdf>. Acessado em: 04 de novembro de 2019.

CARMO, J. S. *Escala de Ansiedade à Matemática (EAM)*. Laboratório de Estudos Aplicados à Aprendizagem e Cognição (LEAAC). Universidade Federal de São Carlos, Brasil. 2008

COSTA E SILVA, H. O. *Tradução e dialogismo: um estudo sobre o papel do tradutor na construção de sentido*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

DELIZA, R.; ROSENTHAL, A.; COSTA, M. C. Translation and validation into portuguese language of scale used in consumer studies. *Ciência e Tecnologia de Alimentos*, v. 23, n. 1, p. 43-48, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cta/v23n1/18253.pdf>. Acessado em: 04 de novembro de 2019.

FERNANDES, C. C.; ROMEIRO, C. A. A contribuição da datilologia como estratégia metodológica no processo de alfabetização. *Revista Diálogos*. v. 4, n. 1. 2016. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/3746/pdf>. Acessado em: 04 de novembro de 2019.

GIAMLOURENÇO, P. R. G.M.; SANTOS, L F dos. Tradução e adaptação de Escala de Ansiedade à Matemática para Língua Brasileira de Sinais (Libras). *Educação Matemática em Revista*. (no prelo).

GUERINI, A; COSTA, W. C. “Introdução aos Estudos da Tradução” (Material Didático) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2006. Disponível em [http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/estudos\\_da\\_traducao/Introd.%20Estudos%20da%20Tradu%C3%A7%C3%A3o.pdf](http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/estudos_da_traducao/Introd.%20Estudos%20da%20Tradu%C3%A7%C3%A3o.pdf). Acessado em: 04 de abr. 2018

HILTON, A.; SKRUTKOWSKI, M. Translating instruments into other languages: development and testing processes. *Cancer Nursing* .Philadelphia, v. 25, n. 1, p. 1-7, fev. 2002. Disponível em: <https://journals.lww.com/cancernursingonline/pages/articleviewer.aspx?year=2002&issue=02000&article=00001&type=abstract> Acesso em: 09 fev. 2019.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes – 22ª Ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2010.

LACERDA, C. B. F.; LODI, A. C. B. Ensino-aprendizagem do português como segunda língua: um desafio a ser enfrentado. In: LODI, A. C. B.; LACERDA, C. B. F. (Orgs). *Uma escola duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.

MCCLEARY, L. E.; VIOTTI, E. C. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: Um estudo piloto de transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In:

LIMA-SALLES, H. M. M. (Org.). *Bilingüismo dos surdos: Questões lingüísticas e educacionais*. Goiânia, GO: Cãnone Editorial, 2007.

MARTINS, V. R. O. Educação de surdos no paradoxo da inclusão com intérprete de língua de sinais: relações de poder e (re)criações do sujeito. (Dissertação). Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2008.

Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/190439/MARTINS%20Vanessa%20Regina%20de%20Oliveira%202008%20%28disserta%c3%a7%c3%a3o%29%20UNICAMP.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em: 04 de novembro de 2019

NASCIMENTO, V. Presença da tradução e interpretação da língua de sinais no “grande tempo” da cultura. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*. v.13 n.3, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bak/v13n3/2176-4573-bak-13-03-0005.pdf>. Acessado em: 04 de novembro de 2019.

NASCIMENTO, V. Janelas de libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais. *Trab. linguist. apl.* [online]. 2017, v.56, n.2, p.461-492. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v56n2/2175-764X-tla-56-02-00461.pdf>. Acessado em: 04 de novembro de 2019.

NASCIMENTO, M. V. B. *Formação de intérpretes de libras e língua portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes*. 2016. 318 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19562/2/Marcus%20Vin%C3%ADcius%20Bati%20Nascimento.pdf>. Acessado em: 04 de novembro de 2019.

PAGURA, R. J. Tradução & interpretação. In: AMORIM, LM., RODRIGUES, C.C., STUPIELLO, É A. (Org.). *Tradução &: perspectivas teóricas e práticas* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: 2015. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/6vkk8/pdf/amorim-9788568334614-09.pdf>. Acessado em: 04 de novembro de 2019.

PAGURA, R. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. *DELTA*, 19, v. Especial, São Paulo, PUC-SP, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v19nspe/13.pdf>. Acessado em: 04 de novembro de 2019.

PEREIRA, R; RODRIGUES, R. Os gêneros do discurso sob perspectiva da análise dialógica de discurso do círculo de Bakhtin. *Letras*, Santa Maria, v. 20, p. 147 – 162. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12149/7543>. Acessado em: 04 de novembro de 2019.

PERLIN, G. A cultura surda e os intérpretes de língua de sinais. – *Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2, p.136-1, 47, jun. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v7i2.798> Acesso em 05/11/2019.

PÖCHHACKER, F. *Introducing Interpreting Studies*. New York: Routledge, 2004.

QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. Letras Libras EaD. In: QUADROS, R. M. (Org). *Letras Libras: ontem, hoje e amanhã*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

\_\_\_\_\_. Efeitos de modalidade de língua: as línguas de sinais. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, p. 168-178, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v7i2.801> Acesso em: 05 de julho de 2019.

RODRIGUES, C. H.; SANTOS, S. A. A interpretação e a tradução de/para línguas de sinais: contextos de serviços públicos e suas demandas. *Tradução em Revista (Online)*, v. 2018, p. 1-29, 2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34535/34535.PDFXXvmi>. Acessado em: 04 de novembro de 2019.

RODRIGUES, C. H. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n (57.1): 287-318, jan./abr, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v57n1/0103-1813-tla-57-01-0287.pdf>. Acessado em: 04 de novembro de 2019.

RODRIGUES, C.; BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de língua de sinais: novo campo disciplinar emergente? *Cadernos de Tradução*, v. 35, n. esp. 2, p.17-45, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p17> Acesso em: 05/11/2019

RODRIGUES, C. H. *A interpretação para a língua de sinais brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais*. (Tese). Doutorado em Linguística Aplicada. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-9CXQ8L/1/rodrigues\\_2013\\_tese\\_poslin.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-9CXQ8L/1/rodrigues_2013_tese_poslin.pdf). Acessado em: 04 de novembro de 2019.

ROSSI, A. H. Traduzir: aspectos metodológicos e didáticos no ensino da tradução. In: FERREIRA, A. M. A.; SOUZA, G. H. P.; GOROVITZ, S. (Org.). *A tradução na sala de aula: Ensaio de teoria e prática de tradução*. 78. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2014.

SANTIAGO, V. A. A. Tradução comentada: janela de libras em filme publicitário. In: *6º Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p.1-17, 2016. Disponível em: <http://www.congressotils.com.br/anais/2018/5361.pdf> Acesso em 05/11/2019.

SANTOS, S. A. Estudos da tradução e interpretação de línguas de sinais nos programas de pós-graduação em estudos da tradução. *Revista da ANPOLL*, v. 1, p. 375-394, 2018. Disponível em: <https://anpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/375/959>. Acessado em: 04 de novembro de 2019.

SANTOS, S. A. *Tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010*. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/122677/325007.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em: 04 de novembro de 2019.

SEGALA, R. R. *Tradução intermodal e intersemiótica/interlinguística: português escrito para a língua de sinais*. (Dissertação). Mestrado em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/94582/283099.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em: 04 de novembro de 2019.

SEGALA, R. R.; QUADROS, R. M. Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em português para a libras oral. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 354-386, jul-dez, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p354/30718>. Acessado em: 04 de novembro de 2019.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). *Métodos de pesquisa* Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acessado em: 04 de novembro de 2019.

SOBRAL, A. U. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOBRAL, A. *Dizer o 'mesmo' a outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: Editora SBS, 2008.

SILVA, H. O. C. *Tradução e dialogismo: um estudo sobre o papel do tradutor na construção do sentido*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

STUPIELLO, ÉNA. A aplicação de sistemas de memória de tradução como ferramentas de produtividade para o tradutor. In: *Ética profissional na tradução assistida por sistemas de memórias* [online]. São Paulo: Editora UNESP, p. 75-139 2014. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/2fpsy/pdf/stupiello-9788568334461-04.pdf>. Acessado em: 27 de novembro de 2019.

STUPIELLO, E. N. A. O ideal e o real no ensino universitário da tradução. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 17, p. 129-139, abr. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6858/6410>. Acessado em: 04 de novembro de 2019.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WEEKS, A.; SWERISSEN, H.; E BELFRAGE, J. Issues, challenges, and Solutions in translation study instruments. *Evaluation Review*, v. 31. n. 2, p. 153-165, 2007. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0193841X06294184> Acesso em: 12 de fevereiro de 2019.

ZAVAGLIA, A; RENARD, C. M. C, JANCZUR, C. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. *Aletria*, Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 331-352, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/8755/8639>. Acessado em: 04 de novembro de 2019.

## ANEXOS

---

### ANEXO 1: Escala de Ansiedade à Matemática (EAM)

#### Escala de Ansiedade à matemática, R M

(Carmo, 2008)

Situação	Nenhuma ansiedade	Baixa ansiedade	Ansiedade moderada	Alta ansiedade	Extrema ansiedade
1. Quando vejo escrita a palavra “matemática” sinto					
2. Quando ouço a palavra “matemática” sinto					
3. Quando escrevo a palavra “matemática” sinto					
4. Alguns dias antes da aula de matemática sinto					
5. Um dia antes da aula de matemática sinto					
6. Alguns minutos antes da aula de matemática sinto					
7. Durante a aula de matemática, quando apenas devo copiar o que está no quadro, sinto					
8. Durante a aula de matemática, quando devo resolver sozinho um exercício, sinto					
9. Durante a aula de matemática, quando participo de trabalhos em equipe, sinto					
10. Durante a aula de matemática, quando devo mostrar os exercícios ao professor					
11. Durante a aula de					

matemática, quando devo ir ao quadro, sinto					
12. Ao folhear o livro ou o caderno de matemática, sinto					
13. Quando o professor de matemática me dirige a palavra, fazendo perguntas sobre matemática, sinto					
14. Após a aula de matemática, sinto					
15. Ao fazer dever de casa de matemática, sinto					
16. Quando em casa não consigo resolver o dever de matemática, sinto					
17. Um dia antes de entregar um dever de casa de matemática que não consegui resolver,					
18. Quando os colegas de sala estão falando sobre matemática, sinto					
19. Quando encontro o professor de matemática fora da sala de aula, sinto					
20. Um dia antes da prova de matemática, sinto					
21. Minutos antes da prova de matemática, sinto					
22. Durante a prova					

de matemática, sinto					
23. Após a prova de matemática, sinto					
24. No dia da entrega das notas de matemática, sinto					
25. No dia do resultado final, sinto					

## ANEXO II: Ficha de avaliação para os consultores bilingües

NOME DO CONSULTOR: \_\_\_\_\_

SURDO  OUVINTE

PROFESSOR  TRADUTOR  INTÉRPRETE

	Nenhuma ansiedade	Baixa ansiedade	Ansiedade moderada	Alta ansiedade	Extrema ansiedade	AVALIAÇÃO DA TRADUÇÃO PARA LIBRAS	COMENTÁRIOS E SUGESTÕES
1. Quando vejo escrita a palavra “matemática” sinto						<input type="checkbox"/> Manter <input type="checkbox"/> Alterar	
2. Quando ouço a palavra “matemática” sinto						<input type="checkbox"/> Manter <input type="checkbox"/> Alterar	
3. Quando escrevo a palavra “matemática” sinto						<input type="checkbox"/> Manter <input type="checkbox"/> Alterar	
4. Alguns dias antes da aula de matemática sinto						<input type="checkbox"/> Manter <input type="checkbox"/> Alterar	
5. Um dia antes da aula de matemática sinto						<input type="checkbox"/> Manter <input type="checkbox"/> Alterar	
6. Alguns minutos antes da aula de matemática sinto						<input type="checkbox"/> Manter <input type="checkbox"/> Alterar	
7. Durante a aula de matemática, quando apenas devo copiar o que está no quadro, sinto						<input type="checkbox"/> Manter <input type="checkbox"/> Alterar	
8. Durante a aula de matemática, quando devo resolver sozinho um exercício, sinto						<input type="checkbox"/> Manter <input type="checkbox"/> Alterar	
9. Durante a aula de matemática, quando participo de trabalhos em equipe, sinto						<input type="checkbox"/> Manter <input type="checkbox"/> Alterar	

10. Durante a aula de matemática, quando devo mostrar os exercícios ao professor						( ) Manter ( ) Alterar	
11. Durante a aula de matemática, quando devo ir à lousa, sinto						( ) Manter ( ) Alterar	
12. Ao folhear o livro ou o caderno de matemática, sinto						( ) Manter ( ) Alterar	
13. Quando o professor de matemática me dirige a palavra, fazendo perguntas sobre matemática, sinto						( ) Manter ( ) Alterar	
14. Após a aula de matemática, sinto 15. Ao fazer a tarefa de casa de matemática, sinto						( ) Manter ( ) Alterar	
15. Quando em casa não consigo resolver a tarefa de matemática, sinto						( ) Manter ( ) Alterar	
16. Um dia antes de entregar uma tarefa de casa de matemática que não consegui resolver,						( ) Manter ( ) Alterar	
17. Um dia antes de entregar uma tarefa de matemática que não consegui						( ) Manter ( ) Alterar	

resolver, sinto							
18. Quando os colegas de sala estão falando sobre matemática, sinto						( ) Manter ( ) Alterar	
19. Quando encontro o professor de matemática fora da sala de aula, sinto						( ) Manter ( ) Alterar	
20. Um dia antes da prova de matemática, sinto						( ) Manter ( ) Alterar	
21. Minutos antes da prova de matemática, sinto						( ) Manter ( ) Alterar	
22. Durante a prova de matemática, sinto						( ) Manter ( ) Alterar	
23. Após a prova de matemática, sinto						( ) Manter ( ) Alterar	
24. No dia da entrega das notas de matemática, sinto						( ) Manter ( ) Alterar	
25. No dia do resultado final, sinto						( ) Manter ( ) Alterar	
<b>COMENTÁRIOS GERAIS</b>							